

CADERNO DE RESUMOS

MARIA ELVIRA BRITO CAMPOS

ADAILSON MORAIS DA SILVA

KARINE COSTA MIRANDA

WILMA AVELINO DE CARVALHO (Orgs.)

V ENCONTRO NORTE-NORDESTE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PROFESSORES DE LITERATURA PORTUGUESA



ABRAPLIP

Relações literárias luso-brasileiras: a que será que se destinam?

6, 7 e 8 de Outubro de 2014

Piauí – Teresina – Brasil

FICHA CATALOGRÁFICA

E561 Encontro Norte–Nordeste da Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa (5.: 2014 : Teresina, PI).
Relações literárias luso-brasileiras : a que será que se destinam? : cadernos de resumos do V Encontro Norte-Nordeste Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa, Teresina, Piauí, Brasil, 6, 7 e 8 de Outubro, 2014 / Maria Elvira Brito Campos ... [et al.] (Orgs.). – Teresina : EDUFPI, 2014.
76 p.

Evento realizado na Universidade Federal do Piauí.
ISBN

1. Literatura Portuguesa. 2. Literatura Brasileira. I. Campos, Maria Elvira Brito. II. Título. III. Título: Cadernos de resumos do V Encontro Norte-Nordeste Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa.

CDD 869

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ

Reitor

Prof. Dr. José Arimatéia Dantas Lopes

Pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Prof. Dr. Helder Nunes da Cunha

Coordenador do Mestrado Acadêmico em Letras

Prof. Dr. Francisco Alves Filho

AGRADECIMENTOS

Diretor do Centro de Ciências Humanas e Letras

Nelson Juliano Cardoso Matos

Chefe do Departamento de Letras

Maria Goreth de Sousa Varão

Coordenadora do Núcleo de Estudos Portugueses

Profa. Dra. Maria Elvira Brito Campos

**V ENCONTRO NORTE-NORDESTE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE
PROFESSORES DE LITERATURA PORTUGUESA**

COMISSÃO ORGANIZADORA:

Profa. Dra. Maria Elvira Brito Campos - UFPI (Presidente)
Profa. Ma. Karine Costa Miranda - UFPI
Profa. Ma. Wilma Avelino de Carvalho – UFPI/UESPI

COMISSÃO CIENTÍFICA:

Profa. Dra. Maria Elvira Brito Campos - UFPI
Prof. Dr. Otávio Rios - UEA (Presidente da ABRAPLIP)
Prof. Dr. Marcello Moreira UESB
Prof. Dr. Márcio Coelho Muniz - UFBA/CNPq
Profa. Dra. Maria Theresa Abelha - UEFS/CNPq
Profa. Dra. Rita Aparecida dos Santos - UNEB
Profa. Dra. Veronica Prudente - UEA
Prof. Dr. Ana Márcia Siqueira - UFC
Prof. Dr. Cid Otonni - UFC
Prof. Dr. Geraldo Fernandes - UFC
Profa. Dra. Márcia Manir - UFMA
Prof. Dra. Germana Maria Araújo Sales - UFPA
Profa. Dra. Maria de Fatima do Nascimento - UFPA
Prof. Dr. Fernando Maués - UFPA
Prof. Dr. Derivaldo Santos - UFRN
Prof. Dr. Hugo Lenes Menezes - IFPI
Prof. Dr. Francisco José Sampaio Melo - IFPI
Prof. Dr. Yurgel Caldas – UNIFAP

CONVIDADOS:

Profa. Dra. Catia Monteiro Wankler - UFRR
Prof. Dr. Francisco Ferreira de Lima - UEFS
Prof. Dr. José Rodrigues de Paiva - UFPE
Prof. Dr. Marcelo Moreira - UNEB
Profa. Dra. Márcia Manir Miguel Feitosa - UFMA
Profa. Dra. Márcia Siqueira - UFC
Prof. Dr. Márcio Ricardo Coelho Muniz - UFBA/CNPq
Profa. Dra. Maria Lúcia Dal Farra - UFS/CNPq
Prof. Dr. Otávio Rios - UEA
Prof. Dr. Silvio Holanda - UFPA
Profa. Dra. Vânia Chaves - ULISBOA-PT
Profa. Dra. Verônica Prudente – UEA

COMISSÃO DE APOIO:

Profa. Ma. Carolina de Aquino Gomes - UFPI
Prof. Dr. Fabrício Flores – UESPI
Prof. Me. Jeymeson de Paula Veloso - UFPI
Prof. Dr. Wanderson Lima - UESPI
Adailson Moraes da Silva – UFPI

**V ENCONTRO NORTE-NORDESTE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE
PROFESSORES DE LITERATURA PORTUGUESA**

Relações literárias luso-brasileiras: a que será que se destinam?

Piauí – Teresina – Brasil - 6, 7 e 8 de Outubro de 2014

O Encontro de Professores e pesquisadores de Literatura Portuguesa tem como finalidade fortalecer o campo de pesquisa em Literatura Portuguesa e demais literaturas lusófonas, além de promover o intercâmbio de conhecimento entre pesquisadores dessa área. Seguindo orientação da Direção da Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa, foram criados encontros regionais, nos anos que perfazem o intervalo entre o Congresso Internacional da Associação. Assim, em 2006 foi realizado o I Encontro Norte-Nordeste da ABRAPLIP, com o intuito de fortalecer a atividade de pesquisa em Literatura Portuguesa no eixo Norte-Nordeste. Até o presente momento, foram realizados quatro eventos dessa natureza: Feira de Santana (organizado pela Universidade Estadual de Feira de Santana em 2006), Fortaleza (organizado pela Universidade Federal do Ceará em 2008), Porto Nacional (organizado pela Universidade Federal do Tocantins em 2010), e Manaus (organizado pela Universidade Estadual do Amazonas, 2012). Nessa quinta edição da ABRAPLIP Norte/Nordeste (Piauí, 2014) o Encontro contará com o apoio do Programa de Pós-graduação em Letras (PPGEL), em parceria com o Núcleo de Estudos Portugueses (UFPI), além do apoio da Universidade Estadual do Piauí (UESPI) e do Instituto Federal do Piauí (IFPI).



PROGRAMAÇÃO GERAL



06 de Outubro

Segundo Hall do CCHL

17h – Credenciamento

Auditório Noé Mendes/CCHL

18h – Conferência de Abertura:

Prof. Dr. José Eduardo Franco (Universidade de Lisboa)

Evento musical

Coquetel

07 de Outubro

Segundo Hall do CCHL

(8h - 8h45) – CREDENCIAMENTO/Cajuína

Auditório Noé Mendes/CCHL

(9h – 10h) – Homenagem à Professora Raimunda das Dôres Santos: “Dôrinha” (Decana de Literatura Portuguesa da UFPI)

Coordenação: Dr. Manoel Paulo Nunes, Presidente do Conselho Estadual de Cultura do Piauí

Auditório Noé Mendes/CCHL

(10h - 11h45) – Mesa 1: Poéticas e retórica no século XVI

Prof. Dr. Marcello Moreira (UESB)

Prof. Dr. Flávio Reis (UESB)

INTERVALO - ALMOÇO

(14h - 15h30) – SESSÃO DE COMUNICAÇÕES

Essas sessões terão início com mesas que demonstrem estudos coletivos, às quais nominamos como **Mesas-temáticas**, constituídas por pós-graduados e pós-graduandos. A seguir à apresentação da mesa (20min para cada participante), daremos início às comunicações individuais, que terão tema livre, e serão organizadas seguindo a sugestão dos títulos das

mesas-temáticas, como **Memória, Prosa, Poesia**. As comunicações estão abertas a **pós-graduados, graduados e pós-graduandos**.

(15h30 - 17h15)

Sala de Vídeo 1/CCHL

Mesa 2: *A prosa de Lobo Antunes*

Profa. Dra. Tércia Valverde (UEFS)

Prof. Dr. Ismahêlson Luis Andrade (UNIJORGE)

Profa. Dra. Maria Elvira Brito Campos (UFPI)

Sala de Vídeo 2/CCHL

Mesa 3: *Arte poética clássica: estilo humilde, moralização e metáfora*

Profa. Me. Shenna Luíssa Motta Rocha (UESPI)

Prof. Me. Wagner José Maurício Costa (UESPI)

Profa. Me. Ana Cláudia Santos (UFPI)

Sala 318/CCHL

Mesa 4: *Fialho e Brandão, o operariado e a cidade*

Prof. Dr. Otávio Rios (UEA - Presidente da ABRAPLIP)

(16h - 17h45)

Sala Camilo Filho/CCHL

Mesa 5: *Memória e Identidade: articulações possíveis na literatura portuguesa*

Profa. Dra. Algemira de Macedo Mendes (UEMA/UESPI)

Profa. Dra. Silvana Maria Pantoja dos Santos (UEMA/UESPI)

Profa. Me. Solange da Luz Rodrigues (UESPI)

Auditório Noé Mendes/CCHL

Mesa 6: *Portugal e Brasil: Pontes culturais*

Prof. Francisco José (IFPI)

Profa. Socorro Simões (UFPA)

08 de Outubro

(8h-9h) – SESSÕES DE COMUNICAÇÃO

(9h-10h45)

Auditório do CT

Mesa 7: Periódicos luso-brasileiros: entre os séculos XVIII e XX

Prof. Dr. Yurgel Caldas (Universidade Federal do Amapá - CLEPUL)

Prof. Dra. Germana Sales (UFPA)

Profa. Dra. Verônica Prudente (UEA)

Sala 318/CCHL

Mesa 8: Pensar por imagens na poesia contemporânea em Portugal: Sophia, Gonçalo, Torga

Profa. Doutoranda Juliana Nogueira Gomes (IFBA)

Profa. Doutoranda Marcela Soares (UFBA)

Profa. Doutoranda Clarissa Macedo (UFBA)

Profa. Mestranda. Patrícia Freitas (UFBA)

Auditório do CT

(10h45 - 12h) – Mesa 9: Transgressões na prosa e na poesia

Profa. Dra. Ana Márcia Siqueira (UFC)

Prof. Dr. Geraldo Fernandes (UFC)

Prof. Dr. José Carlos Siqueira (UFC)

Profa. Doutoranda Sayuri Matsuoka (UFC)

INTERVALO - ALMOÇO

Sala Camilo Filho/CCHL

(14h-15h45) – Mesa 10: Relações luso-brasileiras: Pontes literárias

Profa. Dra. Maria de Fatima do Nascimento (UFPA)

Prof. Dr. Hugo Lenes Menezes (IFPI)

Intervalo Cajuína

Auditório do CT

(16h - 17h45) – Mesa 11:

Prof. Dr. Francisco Ferreira de Lima

Auditório do CT

18h – Conferência de Encerramento:

Prof. Dr. José Rodrigues Paiva (UFPE)

Evento Musical

Lançamento de livros

Coquetel de Encerramento



SESSÕES DE COMUNICAÇÃO



**07 de Outubro
14h-15h30**

Sessão 1

Sala 318 (CCHL/ UFPI)

Coordenador (a): Rosália Maria Carvalho Mourão

1. JOSÉ DO TELHADO E ANTONIO SILVINO: A CONSTRUÇÃO DO HERÓI AMBIVALENTE

Silvana Bento Andrade (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro)

2. LUSOTROPICALISMO TRANSATLÂNTICO: HISTÓRIA, POLÍTICA E MEMÓRIA NO CONTEXTO MOÇAMBICANO

Sueli Saraiva (UFC/Capes)

3. COEXISTIR PARA EXISTIR: A NARRATOLOGIA NO ROMANCE VIVER COM OS OUTROS DE ISABEL DA NÓBREGA

Thaise Silva Ferro Gomes Alves (UFAM)

4. OS FAMINTOS BEIJOS NA FLORESTA E OS PRAZERES INFLAMADOS POR VÊNUS: UMA ANÁLISE DO EROTISMO NA ILHA DOS AMORES DE *OS LUSÍADAS* DE CAMÕES

Rosália Maria Carvalho Mourão (SEDUC – PI/FSA)

5. ÁLVARO DE CAMPOS E A EXPERIÊNCIA DA MODERNIDADE

Marcelo Brito da Silva (IFMT)

Sessão 2:

Sala 319 (CCHL/UFPI)

Coordenador (a): Carolina de Aquino Gomes

1. HISTÓRIA E FICÇÃO: UM ENTRECRUZAMENTO ENTRE RICOEUR, ROSA E SARAMAGO

Amanda Jéssica Ferreira Moura (UFC)

2. ROMANCE HISTÓRICO E SEUS DESDOBRAMENTOS CONTEMPORÂNEOS

Arlene Fernandes Vasconcelos (UFC)

3. DO MITO BÍBLICO AO SERTÃO MEDIEVAL: UMA LEITURA DA PERSONAGEM LILITH

Carolina de Aquino Gomes (UFPI)

4. JOSÉ SARAMAGO E A REPRESENTAÇÃO DO DEUS DO JUDAÍSMO-CRISTÃO: UMA ANALOGIA DA RELIGIOSIDADE MODERNA

Francisca Carolina Lima da Silva (UFC)

5. DA ALEGORIA EM JOSÉ SARAMAGO: CONSIDERAÇÕES ACERCA DA OBRA O CONTO DA ILHA DESCONHECIDA

Juliane de Sousa Elesbão (UFC)

Odalice de Castro e Silva (Orientadora/UFC)

Sessão 3

Sala 320 (CCHL/ UFPI)

Coordenador(a): Jeymeson de Paula Veloso

1. DESVELANDO A PERDA DE ALTERIDADE EM O HOMEM DUPLICADO, DE JOSÉ SARAMAGO

Josi de Sousa Oliveira (UESPI)

2. ROMANCE EM CORES EM UM LIVRO DE CEGOS: INTERDISCURSIVIDADE ENTRE LITERATURA E PINTURA EM JOSÉ SARAMAGO

Jeymeson de Paula Veloso (UFPI)

3. A FICCIONALIZAÇÃO DO REAL EM AS INTERMITÊNCIAS DA MORTE, DE JOSÉ SARAMAGO

Valdirene Rosa da Silva Melo (SEMEC/SEDUC)

4. UM EXAME SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE HISTÓRIA E FICÇÃO EM HISTÓRIA DO CERCO DE LISBOA, DE JOSÉ SARAMAGO

Manfred Rommel Pontes Viana Mourão (UFPI)

Saulo Cunha de Serpa Brandão (Orientador/UFPI)

5. AS MIL E UMA VOZES EM MEMORIAL DO CONVENTO

Maria de Pompéia Duarte Santana e Souza (UCSAL)

Sessão 4:

Sala 321 (CCHL/UFPI)

Coordenador (a): Wilma Avelino de Carvalho

1. PROSA POÉTICA X POEMA EM PROSA: EM TESE MIA COUTO E FERNANDO PESSOA

Irla Fernanda e Silva Soares (PG-UFPI)

2. IDENTIDADE E MOÇAMBICANIDADE EM “RAÍZES”, DE MIA COUTO

Joaquim Lopes da Silva Neto (PG-UFPI)

3. RAÇA E COLONIALISMO EM “O EMBONDEIRO QUE SONHAVA PÁSSAROS” DE MIA COUTO

Joelma de Araújo Silva Resende (PG-UFPI)

Sebastião Alves Teixeira Lopes (Orientador/UFPI)

4. O SUJEITO PÓS-COLONIAL EM *ANTES DE NASCER O MUNDO*, DE MIA COUTO

Regilane Barbosa Maceno (UESPI)

Elio Ferreira (Orientador/UESPI)

5. HISTÓRIA E MEMÓRIA EM *TERRA SONÂMBULA*, DE MIA COUTO

Wilma Avelino de Carvalho (UFPI/UESPI)

Sessão 5

Sala 307 (CCHL/ UFPI)

Coordenador (a): Livia Guimarães da Silva

1. A INDAGAÇÃO DO DUPLO: A CARNAVALIZAÇÃO EM *CAIM*, DE JOSÉ SARAMAGO
Saulo Gomes Thimóteo (UFFS/USP)
2. REFLEXOS DO EXISTENCIALISMO EM CAMILO PESSANHA
Livia Guimarães da Silva (UFPI)
3. TECENDO SIGNIFICADOS: A CONFIGURAÇÃO NARRATIVA EM A MAIOR FLOR DO MUNDO DE JOSÉ SARAMAGO
Livia Maria Rosa Soares (UFPI/UESPI)
4. A SIMULAÇÃO DA MORTE COMO FORMA DE LIBERTAÇÃO DA MULHER EM TERRAS PROIBIDAS DE LUÍZA LOBO
Raimunda Maria Chaves Correia (UESPI)
5. MURADA: ENTRE A LITERATURA E A HISTÓRIA
Robervania Castro de Oliveira (UEA)
Veronica Prudente Costa (Orientadora/UEA)

Sessão 6:

Sala de Vídeo 1 (CCHL/ UFPI)

Coordenador (a): Elenice Maria Nery

1. O HEROI SERTANEJO E A QUESTÃO IDENTITÁRIA EM CURRAL DE SERRAS DE ALVINA GAMEIRO
Elenice Maria Nery (SEDUC/UFPI)
2. AS IMAGENS DO ESPAÇO EM *RIO SUBTERRÂNEO* DE O. G. REGO DE CARVALHO
Francisca Jheine Andrade Cunha (UESPI)
3. OVÍDIO SARAIVA, POEMAS: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTO DA POESIA ÁRCADÉ
Francisco das Chagas Souza Carvalho Filho (UESPI)
4. AS CONSTRUÇÕES E SIGNIFICAÇÕES ENTRE A CASA, A CIDADE E OS SUJEITOS NA OBRA *PACAMÃO* DE ASSIS BRASIL
Herasmo Braga (UESPI)
5. FIGURAÇÕES DA MULHER E DO AMOR NA OBRA *MADURA* DE H. DOBAL
José Wanderson Lima Torres (UESPI)
6. CLUBE DA LEITURA: A LEITURA EM GRUPO COMO METODOLOGIA PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR
Priscila da Conceição Viégas (UESPI)

Sessão 7

Sala de Vídeo 2 (CCHL/ UFPI)

Coordenador (a): Gladson Fabiano de Andrade Sousa

1. A PRESENÇA DE “HAMLET” EM “A CARTOMANTE” – UMA DEIXA PARA O DIALOGISMO NO ENSINO DE LITERATURA
Elimar Barbosa de Barros (UESPI)
2. A TRAGICIDADE NAS PERSONAGENS FEMININAS DE *ONDE ESTIVESTES DE NOITE* E *A VIA CRUCIS DO CORPO*, DE CLARICE LISPECTOR
Francisca Liciany Rodrigues de Sousa (UFC)
3. A REPRESENTAÇÃO DA MORTE, DO JULGAMENTO E DA SALVAÇÃO NO TEATRO VICENTINO E SEUS ASPECTOS RESIDUAIS NO TEATRO CONTEMPORÂNEO DE ARIANO SUASSUNA
Francisco Wellington Rodrigues Lima (PG– UFC)
Elizabeth Dias Martins (Orientadora/UFC)
4. A ANATOMIA DOS CONTOS “O BARRIL DE AMONTILADO” E “VENHA VER O PÔR-DO-SOL”
Gladson Fabiano de Andrade Sousa (UFMA)
Naiara Sales Araujo Santos (Orientadora/UFMA)
5. ASPECTOS DA IDENTIDADE NACIONAL NO POEMA ÉPICO COBRA NORATO DE RAUL BOPP
Heráclito Júlio Carvalho dos Santos (UESPI)

Sessão 8

Auditório do CCHL

Coordenador (a): Cristianne Silva Araújo Dias

1. UMA LEITURA MARXISTA DA OBRA *UMA ABELHA NA CHUVA*, DE CARLOS DE OLIVEIRA
Clêuma de Carvalho Magalhães (FURG - RS)
2. MULHERES E GUERRA NAS OBRAS DE TEOLINDA GERSÃO E LÍDIA JORGE
Cristianne Silva Araújo Dias (PG-UFPI)
Maria Elvira Brito Campos (UFPI)
3. ANÁLISE EXISTENCIALISTA EM ZÉ: UMA CRÔNICA DE ANTÓNIO LOBO ANTUNES
Cristina Gomes de Brito (UFPI)
Rosa Áurea Ferreira da Silva (UFPI)
4. “O FELIZ ACIDENTE DA EXISTÊNCIA” EM ANTONIO LOBO ANTUNES: TECENDO APONTAMENTOS FILOSÓFICOS
Francisca Marciely Alves Dantas (PG-UFPI)
Maria Elvira Brito Campos (Orientadora/UFPI)

5. SUBMISSÃO DA MULHER E PATRIARCALISMO EM SINFONIA EM BRANCO, DE ADRIANA LISBOA

José Ivan Bernardo Andrade (UESPI)

**08 de Outubro
08h-09h**

Sessão 9

Sala 318 (CCHL/ UFPI)

Coordenador (a): Karine Costa Miranda

1. O DEBATE SOBRE A ESCRAVIDÃO EM ÓDIO DE RAÇA, DE FRANCISCO GOMES DE AMORIM

Kyssia Nunes de Oliveira (UEA)

Veronica Prudente Costa (Orientadora/UEA)

2. A INSTAURAÇÃO DO ESTADO DE EXCEÇÃO NOS ENSAIOS DE JOSÉ SARAMAGO

Juçara da Silva Pinheiro (UEA)

Veronica Prudente Costa (Orientadora/UEA)

3. O EROTISMO NOS POEMAS DE FLORBELA ESPANCA

Ariadna Rodrigues Probo Amaral

Elizandra Dias Brandão (UFPI)

4. REPRESENTAÇÃO E DUALIDADES: ANTÓNIO MALHADAS O ANTI-HERÓI EM O MALHADINHAS, DE AQUILINO RIBEIRO

Francisca Olane Rodrigues da Silva (UFPI)

Karine Costa Miranda (Orientadora/UFPI)

Sessão 10

Sala 319 (CCHL/UFPI)

Coordenador (a): Wilma Avelino de Carvalho

1. A PALAVRA NEGRO SOB PERSPECTIVA

Ella Ferreira Bispo (UFPI)

Alcione Corrêa Alves (Orientador/UFPI)

2. DENTRO DO NAVIO NEGREIRO: TRAVESSIA E CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS NO ROMANCE ÚRSULA

Jéssica Catharine Barbosa de Carvalho (UFPI)

Alcione Corrêa Alves (Orientador/UFPI)

3. RELAÇÕES DE GÊNERO E EMPODERAMENTO DA MULHER NA OBRA NIKETCHE

Luciene do Rêgo da Silva (UFPI)

Alcione Corrêa Alves (Orientador/UFPI)

4. O COLONIZADO COMO UM ESTRANGEIRO EM SUA PRÓPRIA TERRA, NO CONTO “O EMBONDEIRO QUE SONHAVA PÁSSAROS”, DE MIA COUTO

Silvana Alves Cardoso (UESPI)

Wilma Avelino de Carvalho (Orientadora/UFPI/UESPI)

5. DA LÍRICA MEDIEVAL À LITERATURA DE CORDEL: AS REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS DA MULHER NAS CANTIGAS GALEGO-PORTUGUESAS E NOS FOLHETOS DE CORDEL

Érica Patricia Barros de Assunção (UFPI)

Samantha de Moura Maranhão (Orientadora/UFPI)

Sessão 11

Sala 320 (CCHL/ UFPI)

Coordenador(a): Lilásia de Arêa Leão Reinaldo

1. O PÓS-COLONIALISMO E O FEMININO DE PAULINA CHIZIANE EM O ALEGRE CANTO DA PERDIZ

Áurea Regina do Nascimento Santos (UESPI/IFPI)

Algemira de Macedo Mendes (UESPI/UEMA)

2. JUNG EM PESSOA: A PERSPECTIVA DO INCONSCIENTE JUNGIANO NA OBRA “MENSAGEM”, DE FERNANDO PESSOA

Valdemar Ferreira de Carvalho Neto Terceiro (UVA)

3. ANGÚSTIA EXISTENCIAL DO SER FEMININO NO POEMA “MULHERES” DE MARIA TERESA HORTA

Lígia Maria Aguiar Souza (UFPI)

Vanessa Gonçalo de Sousa (UFPI)

4. DA FOUCE AOS DEDOS DE VELUDO NO LIRISMO ENCANTADO DA MORTE

Lilásia de Arêa Leão Reinaldo (UFPB)

Sessão 12

Sala 321 (CCHL/UFPI)

Coordenador (a): Vanessa Maira de Aquino Santos

1. LITERATURA PIAUIENSE: VOZES E SILÊNCIOS DA ESCRITA DE AUTORIA FEMININA

Jurema da Silva Araújo (UESPI)

2. CARROSSEL FANTASMA, DE DA COSTA E SILVA: GIROS ENTRE MEMÓRIA E CULTURA

Maria Daíse de Oliveira Cardoso (UESPI)

3. IDENTIDADES HOMOERÓTICAS: ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES GAYS NAS NARRATIVAS DE LUÍS CAPUCHO

Rubenil da Silva Oliveira (UESPI)

Elio Ferreira de Souza (Orientador/UESPI)

4. O QUESTIONAR DA HISTÓRIA OFICIAL BRASILEIRA NOS ROMANCES HISTÓRICOS DE ASSIS BRASIL

Vanessa Maira de Aquino Santos (PMT- SEMEC)

Sessão 13

Sala 307 (CCHL/ UFPI)

Coordenador (a): Joseane Mendes Ferreira

1. REFLEXÕES ACERCA DA TRANSITORIEDADE DA BELEZA EM CECÍLIA MEIRELES

Isabela Christina do Nascimento Sousa (UFPI)

2. A LITERATURA DIANTE DO ESPELHO: UM OLHAR SOBRE OS ASPECTOS METAFICCIONAIS EM BUFO & SPALLANZANI

Joseane Mendes Ferreira (PG-UFPI)

3. DIÁLOGOS ENTRE LITERATURA E CULTURA

Kamila Jéssick Duarte da Costa (UFC)

Ana Marcia Alves Siqueira (Orientadora/UFC)

4. CECÍLIA MEIRELES E A CRÔNICA DE VIAGEM: PEREGRINAÇÃO EM FÁTIMA

Karla Renata Mendes (UFPR)

5. EU E LÍDIA: A CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS EM *ÁGUA VIVA* E *O SILÊNCIO*

Geisiane Dias Queiroz (UFPI)

Maria Elvira Brito Campos (Orientadora/UFPI)

Sessão 14

Sala de Vídeo 1 (CCHL/ UFPI)

Coordenador (a): Luziane de Sousa Feitosa

1. A SIMBOLOGIA DA ÓPERA NAS OBRAS *MADAME BOVARY* E *DOM CASMURRO*

Luziane de Sousa Feitosa (UESPI)

2. O MAPA” “[D]AQUELE TEMPO”: (DES)CAMINHOS DA MEMÓRIA NAS POESIAS DE MAYRANT GALLO E GONÇALO M. TAVARES

Marcela Rodrigues Soares (IFBA/UFBA)

3. A PRESENÇA FEMININA NO REGIONALISMO NA OBRA *COIVARA DA MEMÓRIA*, DE FRANCISCO DANTAS

Maria Santana da Conceição Miranda Filha (UESPI)

4. A ESCRITA DE MARIA TERESA HORTA: UMA ESTRATÉGIA DE INSUBORDINAÇÃO

Maria Suely de Oliveira Lopes (UESPI)

5. IDENTIDADE NACIONAL E MISCIGENAÇÃO EM *MACUNAÍMA*, DE MÁRIO DE ANDRADE

Rosa Camila Portela Cavalcante Andrade (UESPI)

Sessão 15

Sala de Vídeo 2 (CCHL/ UFPI)

Coordenador (a): Rafael Gonçalves Freire

1. O DESEJO DO ETERNO EM PASSOS DA CRUZ

Maria da Glória Ferreira de Sousa (UFC)

Edilene Ribeiro Batista (Orientadora/UFC)

2. PORTUGAL E OS MODERNISTAS NAS TRILHAS DA CORRESPONDÊNCIA DE RONALD DE CARVALHO

Mirhiane Mendes de Abreu (Unifesp)

3. LITERATURA, RESILIÊNCIA E ENGAJAMENTO EM MAINA MENDES

Olivânia Maria Lima Rocha (UFPI)

Nátali Conceição Lima Rocha (UESPI)

Rychelly Lopes dos Santos (UFPI)

4. O MÉTODO DA INVESTIGAÇÃO DOS TOPOI POÉTICOS APLICADO À LÍRICA CONTEMPORÂNEA EM LÍNGUA PORTUGUESA

Rafael Campos Quevedo (UFMA)

5. MIGUEL TORGA: UM OLHAR EXISTENCIAL DO CONTO VICENTE

Rafael Gonçalves Freire (PG-UFPI)

Maria Elvira Brito Campos (Orientadora/UFPI)

Sessão 16

Sala Camilo Filho

Coordenador (a): Livia Maria Rosa Soares

1. RELAÇÕES DE GÊNERO E EROTISMO NA OBRA *O PRIMO BASÍLIO* DE EÇA DE QUEIROZ

Almiranes dos Santos Silva (UESPI)

Cyntia Raquel de Sousa Lopes (UESPI)

2. CARTOGRAFIAS LITERÁRIAS URBANAS EM EÇA DE QUEIROZ

Luciana Nascimento (UFAC/UFRJ)

3. DO SILÊNCIO À PALAVRA ERRANTE

Assunção de Maria Sousa e Silva (PUC-MINAS/UESPI)

4. *CÉU EM FOGO*: QUANDO O NARRATIVO E O POÉTICO SE ENCONTRAM

Karine Costa Miranda (UFPI)

5. REFLEXÕES SOBRE A CATEGORIA DO ESPAÇO EM FOGO VERDE, DE PERMÍNIO ASFORA

Kelly Cristina Araújo Feitosa (UESPI)



RESUMOS



RELAÇÕES DE GÊNERO E EROTISMO NA OBRA *O PRIMO BASÍLIO DE EÇA DE QUEIROZ*

Almiranes dos Santos Silva (UESPI)
Cynthia Raquel de Sousa Lopes (UESPI)

Este trabalho analisa a representação ficcional da figura da mulher presente na obra *O primo Basílio* de Eça de Queiroz em uma perspectiva erótica. Possuindo caráter essencialmente bibliográfico, aborda questões relativas à sexualidade feminina e as relações de gênero, tendo como suporte teórico obras de alguns autores como, Bataille (1984) e (2004), Priore (2007), Beauvoir (1968), Durigan (1946), Alberoni (1986) e Foucault (1987) e (1988) dentre outros. O estudo pauta-se no princípio de que o indivíduo é descontínuo, solitário e vive em constante busca por uma continuidade que está no outro, esta continuidade é alcançada por meio do erotismo que se manifesta de três formas: erotismo dos corpos, erotismo sagrado e erotismo dos corações. Na busca dessa continuidade o ser tem o seu desejo coibido por meio dos interditos, que podem ser transgredidos ou não, esses interditos advêm tanto meio social, quanto do próprio indivíduo, sendo foco do trabalho a figura feminina e os interditos enfrentados por este gênero. Neste aspecto faz-se uma reflexão sobre a condição da mulher no romance, sendo observada a atuação do princípio supracitado nas figuras femininas do romance analisado, em especial na personalidade de Luiza que apresenta por vezes um eu transgressor aos paradigmas vigentes e em outros momentos molda o seu ser compelido pelo poder social.

Palavras-chave: Literatura. Gênero. Erotismo.

HISTÓRIA E FICÇÃO: UM ENTRECRUZAMENTO ENTRE RICOEUR, ROSA E SARAMAGO

Amanda Jéssica Ferreira Moura (UFC)

As obras literárias *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa, e *História do Cerco de Lisboa*, de José Saramago, apresentam personagens que desejam fazer um relato (seja de seu percurso de vida, como o faz Riobaldo; seja acerca de fatos históricos, conforme empreende Raimundo Silva). Nesse ínterim, ambos os livros trazem questões importantes sobre o processo de construção da história e da ficção, convidando o leitor a ponderar sobre realidade, memória, esquecimento e grau de confiabilidade do narrador. Esses pontos tão caros às composições do escritor brasileiro e do escritor português podem ser mais proficuamente debatidos e compreendidos à luz do pensamento do teórico francês Paul Ricoeur. Considerando essa premência, a presente pesquisa visa discutir os processos de criação das duas narrativas e articulá-los às proposições ricoeurianas. Para prosseguimento de nosso estudo, debruçamo-nos, especialmente, em conceitos como “ficcionalização”, “representância”, “imaginação” e “historicização” - abordados no capítulo “O entrecruzamento da história e da ficção” do livro *Tempo e narrativa* (3º volume), do pensador Paul Ricoeur – para refletir de que modo essas noções relacionam-se às obras literárias em questão.

Palavras-chave: Entrecruzamento. História. Ficção. Paul Ricoeur.

A METÁFORA NA FORMAÇÃO DA ALEGORIA POÉTICA SEISCENTISTA IBÉRICA

Ana Cláudia dos Santos Silva (FATEPI-FAESPI)

No universo das figuras de linguagem, a metáfora é considerada o artifício que age como espécie investigadora das noções mais escondidas. A metáfora mostra as semelhanças existentes entre os conceitos, provocando um efeito de maravilha, que persuade. Por ser tão artificiosa, a metáfora se torna também parte importante na estrutura de outros ornamentos como é o caso da alegoria. Para autores antigos como Fábio Quintiliano e modernos como Emanuele Tesauro, a alegoria é a continuação da metáfora simples e teria com essa figura uma relação indissolúvel ao se configurar por meio dela. Tal discussão encontra-se mergulhada no âmbito de um universo poético, em muitos aspectos, distinto do atual. No Seiscentos ibérico, deparamo-nos com uma prática discursiva estritamente regrada por convenções específicas. Este trabalho se ocupa dessas discussões, fazendo uso de textos poéticos de Horácio e Jerónimo Baía, sob a proposta de leitura de pesquisadores da área dos estudos retóricos como João Adolfo Hansen e Adma Fadul Muhana.

Palavras-chave: Metáfora. Alegoria. Retórica. Seiscentos ibérico.

O PACTO DE AMOR ETERNO SEGUNDO HERCULANO: TRANSGRESSÃO E CASTIGO

Ana Márcia Siqueira (UFC)

Alexandre Herculano consolidou-se como o precursor dos romances históricos portugueses, produtos da harmonia entre o trabalho de recolha das fontes históricas medievais e seu projeto estético. A produção deste escritor revela, porém, um lado sombrio pouco estudado, influenciado pelos romances góticos e por baladas macabras de origem alemã e inglesa, que põem em discussão a representação do mal e do horrível nas relações humanas. O passado luso, sob a perspectiva herculiana, é desenhado por cores melancólicas e reflexivas. Esse apelo melancólico é ainda reforçado pelo caráter essencialmente saudosista do Romantismo português, cuja marca destaca-se em produções com características góticas, na poesia, na balada e no conto. Tendo em vista o exposto, o trabalho objetiva discutir como o elemento macabro, presente nas baladas recriadas por Herculano, manifesta-se como meio de castigo pela transgressão de juramento feito entre amantes. O tema tradicionalmente motivador dessas baladas europeias é o pacto de amor eterno feito no momento da separação do casal apaixonado. Este termina em prova de fidelidade, quando supera a morte, ou em traição, quando acarreta uma maldição. A temática adquire uma importância maior no contexto do Romantismo português, visto que o tema da separação dos casais sempre esteve presente na história portuguesa, desde a necessidade de ir combater castelhanos ou mouros ao embarque nas naus para conquistas de além mar. Embora os cancioneiros portugueses oitocentistas apresentem castigos mais amenos para a transgressão do pacto, Herculano privilegia os elementos macabros em suas recriações. Destarte, nossa análise baseia-se em uma perspectiva multidisciplinar, mediante estudos de Mário Praz, Victor Hugo, Maria Leonor M. Souza e Suzi Sperber, e atenta para o modo como a articulação entre pacto, transgressão e castigo se converge em um conjunto organizado conforme a estética do horrível.

O EROTISMO NOS POEMAS DE FLORBELA ESPANCA

Ariadna Rodrigues Probo Amaral
 Elizandra Dias Brandão (UFPI)

Este trabalho visa apresentar e analisar o erotismo na obra “Se tu viesses ver-me hoje à tardinha” da autora portuguesa Florbela Espanca, onde ela aborda a intimidade feminina e à acentuação do erotismo, revelando, progressivamente uma pulsão erótica, em que o eu feminino da poetisa se afirma. Essa gradual afirmação do eu feminino culmina com a exaltação da beleza e das capacidades de sedução exercidas pela mulher. Para a realização deste trabalho foram realizadas e levantadas informações através de pesquisas bibliográficas, leituras e análise da obra. Para a realização da pesquisa utilizaram-se os autores MOISÉS, Massaud (2005), ESPANCA, Florbela (1997) e GEORGES, Bataille (2002). Na maioria de suas obras Florbela Espanca retrata a sensualidade, o confidencial, a feminilidade e a erotização, uma vez que, através destas temáticas, a autora buscou a emancipação literária da mulher e ousou levar ainda mais longe o erotismo feminino. A poetisa utiliza bastante, e com eficácia, circunstâncias que evidenciam o contato do corpo, citando versos com perfeitas rimas, envolvendo partes do corpo que supostamente seriam postas em contato intenso, característica esta que demonstra o quanto o erotismo feminino se destacou neste período tanto na autora quanto nas demais mulheres da época. Este erotismo é visualizado hoje com maior intensidade, sobretudo na prática de exposição do corpo. Ficou constatado nessa pesquisa, que há uma consolidação e uma verdadeira explosão de sentimentos, de modo que ela não se atém, em sua poesia, ao pudor da época em que vivia, percebe-se na obra da poetisa, uma mulher com sensibilidade exacerbada, a qual torna os seus textos uma verdadeira retratação dos sentimentos intensos que afligem a sua alma.

Palavras-chave: Florbela Espanca. Erotismo. Poesia.

ROMANCE HISTÓRICO E SEUS DESDOBRAMENTOS CONTEMPORÂNEOS

Arlene Fernandes Vasconcelos (UFC)

Considerando as recentes discussões acerca do romance histórico e o seu equivalente contemporâneo, partimos de um romance de um brasileiro do século XIX, *Guerra dos Mascates*, de José de Alencar, e um de um português do século XX, *Memorial do Convento*, de José Saramago, para identificar as divergências e confluências que as duas obras apresentam em relação ao conceito de metaficção historiográfica. Para isso, propõe-se uma investigação do “fazer historiográfico” de Alencar e de Saramago, a configuração de romance de cada um, a construção dos personagens, a abordagem das personalidades históricas presentes nas obras e sua relação com os personagens ficcionais e, por fim, mas não menos importante, a construção do mundo ficcional e sua relação com a realidade empírica. Para isso, alguns estudiosos – que reveem o romance de cunho historiográfico a partir do olhar contemporâneo – serão utilizados no diálogo da história com a literatura no que concerne ao universo ficcional de ambos os romancistas.

Palavras-chave: Romance histórico. Metaficção historiográfica. Guerra dos mascates. Memorial do convento.

DO SILÊNCIO À PALAVRA ERRANTE

Assunção de Maria Sousa e Silva (PUC-MINAS/UESPI)

Este artigo tem como objetivo discutir a categoria do silêncio na palavra poética. Para tal produção, valemo-nos das reflexões sobre o silêncio desenvolvidas pelo filósofo Santiago Kavadloff no livro *O silêncio primordial* (2003) em que evidencia a força do silêncio primordial em relação a outros tipos de silêncio. Paralelamente, focamo-nos nas considerações de Octavio Paz sobre a palavra poética contidas no livro *O arco e a lira* (1982). Ambos trazem argumentos que substanciam a análise do poema “Da calma ao silêncio”, contido no livro *Poemas da recordação e outros movimentos* de Conceição Evaristo cujo tom e motivo se revelam a partir da tensão da palavra no silêncio. O estranhamento no poema advém da forma como o silêncio repercute no fazer poético e provocam efeitos de sentidos. A palavra que se liberta edifica sentidos do humano, conferindo ao sujeito poético um estado de ser inquirido nos mundos submersos.

Palavras-chave: Silêncio. Palavra. Poema. Poesia. Sentidos.

O PÓS-COLONIALISMO E O FEMININO DE PAULINA CHIZIANE EM O ALEGRE CANTO DA PERDIZ

Áurea Regina do Nascimento Santos (UESPI/IFPI)

Algemira de Macedo Mendes (UESPI/UEMA)

Neste trabalho apresentaremos o romance de Paulina Chiziane *O Alegre Canto da Perdiz* (2008), focando na trajetória das personagens Delfina e Maria das Dores, apontando para a construção de um discurso feminino que denuncia o estado a que a mulher moçambicana foi submetida, sobretudo, durante a colonização. O romance, ao contar a saga dessas duas mulheres (mãe e filha), também faz uma releitura da origem dos povos e da história de África. Além das questões que marcam a secular submissão da mulher ao universo do homem em certas sociedades africanas, Paulina Chiziane leva o leitor a confrontar-se também com a questão do reducionismo praticado por quem olha a África de fora e procura apresentar a sua história e sua literatura como se o continente africano se tratasse de um só país, tal como denunciou a escritora nigeriana Chimamanda Adichie em seu discurso contra “o perigo de se ouvir e repetir uma história única, a dos vencedores” (ADICHIE, 2009). Ao resgatar lendas do matriarcado, identificaremos, no percurso das personagens, os aspectos do feminino singular de Paulina Chiziane. Faremos também uma leitura do colonialismo e do pós-colonialismo objetivando a escrita feminina de Paulina Chiziane.

Palavras-chave: Paulina Chiziane. Pós-colonialismo. Escrita feminina.

DO MITO BÍBLICO AO SERTÃO MEDIEVAL: UMA LEITURA DA PERSONAGEM LILITH

Carolina de Aquino Gomes (UFPI)

O romance *Caim*, de José Saramago apresenta uma releitura de histórias bíblicas, revisitando mitos que dessacralizam a tradição. Lilith de Saramago é esposa de Noah e senhora das terras de Nod, aonde Caim chega após matar Abel. Ela se apresenta fiel ao mito de origem babilônica, sendo sinônimo de lascívia e libertinagem. É insaciável e escolhe entre seus

criados aqueles que vão servi-la sexualmente, mas nem todos sobrevivem. Caim é o único que a sacia e a transforma em mulher delicada e atenciosa consigo. Assim como em *Caim*, o romance *As Pelejas de Ojuara*, do potiguar Nei Leandro de Castro, numa leitura bem humorada do mito de Lilith, apresenta a Mãe de Pantanha, personagem que além de sexualmente insaciável, mata os homens que copulam com ela. A partir da leitura comparativa das duas obras com a *História das Mentalidades* e a *Mitologia Cristã*, com base nos estudos de Duby, Delumeau, Le Goff, Eliade e Zumthor, verificou-se como esse mito se atualiza nas obras de José Saramago e de Nei Leandro de Castro. Sendo assim, a personagem feminina, a partir do mito, se delinea como símbolo de sedução e poder exercido pela mulher, o que se observa pelo temor dos homens que a cercam, recordando a misoginia medieval.

Palavras-chave: Mulher. Idade Média. Medo.

O TELÚRICO EM JURACI DÓREA E MIGUEL TORGA: UM TERCEIRO ESPAÇO

Clarissa Moreira de Macedo (UFBA)

A paisagem telúrica, carregada de simbologia e complexidade, é uma das imagens mais abordadas na literatura, independentemente da nacionalidade. Na obra poética de Juraci Dórea e Miguel Torga, a terra representa um lugar múltiplo: instância alegórica (ícone materno, figuração da infância, dentre outras), mote criativo, zona social conflitante e lugar de constituição do imaginário humano – especialmente do homem rural. Neste estudo, pretende-se analisar comparativamente, mas não tradicionalmente – tomando-se como operador de leitura os conceitos de Rizoma, presente na introdução do *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia* (1995), elaborado por Gilles Deleuze e Félix Guattari, e do espaço como elemento íntimo humano, proposto por Gaston Bachelard em *A poética do espaço* (1996) –, a poesia torguiana e doreana a partir da recorrência da representação telúrica enquanto imagem redimensionada e do pensamento humano, configurando-se como um terceiro espaço na obra desses autores. Para este texto, elegeram-se como ponto de partida da análise os poemas “A Terra”, de Miguel Torga, e “Paisagem”, de Juraci Dórea.

Palavras-chave: Terceiro espaço. Telurismo. Poesia.

UMA LEITURA MARXISTA DA OBRA *UMA ABELHA NA CHUVA*, DE CARLOS DE OLIVEIRA

Clêuma de Carvalho Magalhães (FURG - RS)

Este estudo tem como objetivo a realização de uma leitura marxista do romance *Uma abelha na chuva* (1953), do escritor neorrealista Carlos de Oliveira. Nossa atenção dirige-se inicialmente ao contexto histórico e literário em que se situa a referida obra. Em seguida, procedemos a uma análise do texto observando os traços que a ligam ao Neorrealismo português. Interessa-nos de modo especial o universo ideológico do romance (marcado pela alienação e opressão), a complexidade dialética das figuras humanas e dos conflitos que compõem a narrativa. Uma abelha na chuva situa-se na “segunda geração” do Neorrealismo (o qual se define a partir do início da década de 50, em que Portugal ainda vive sob o domínio salazarista) que consegue aprimorar o trabalho de elaboração estética sem perder sua força atuante em relação à situação político-social. Por trás da aparente simplicidade do romance (capítulos curtos, linguagem simples, escrita sintética) esconde-se um universo de

personagens em constante tensão psicológica, inseridos na complexidade dos dramas humanos e marcados pela alienação e opressão.

Palavras-chave: Marxismo. Neorrealismo. Alienação. Opressão.

**MULHERES E GUERRA
NAS OBRAS DE TEOLINDA GERSÃO E LÍDIA JORGE**

Cristianne Silva Araújo Dias (PG-UFPI)
Maria Elvira Brito Campos (UFPI)

A presente pesquisa visa dialogar com as obras *A Costa dos Murmúrios* (2004) e *A Árvore das Palavras* (2004) das autoras portuguesas Lídia Jorge e Teolinda Gersão. A abordagem utilizada para essa pesquisa parte da investigação sobre o engajamento das personagens e o posicionamento das narradoras/autoras na causa moçambicana de libertação, cada um dos romances aborda de forma distinta a questão do conflito da Guerra Colonial. Com base nos pressupostos de Isabel Allegro de Magalhães (1995) e Ana Mafalda Leite (2003), assim como dos conceitos teóricos que aproximam as escritas do feminino e da memória de Lúcia Castello Branco (1991), faz-se uso dos estudos do crítico literário português Miguel Real (2012), da investigação da presença da mulher na guerra em Moçambique de Margarida Calafate Ribeiro (2012). A pesquisa constará com aspectos bibliográficos qualitativos concernentes aos romances de Teolinda Gersão e Lídia Jorge, *A Árvore das Palavras* e *A Costa dos Murmúrios*. Como forma de conclusão, ainda parciais, foi possível identificar que as narrativas permeadas de memórias das mulheres portuguesas refletem as marcas do contexto colonial revelando a percepção das escritoras.

Palavras-chave: Literatura Portuguesa. Teolinda Gersão. Lídia Jorge.

**ANÁLISE EXISTENCIALISTA EM ZÉ: UMA CRÔNICA DE ANTÓNIO LOBO
ANTUNES**

Cristina Gomes de Brito (UFPI)
Rosa Áurea Ferreira da Silva (UFPI)

Este trabalho objetiva analisar a crônica *Zé* (2007) de António Lobo Antunes numa abordagem que existencialista tramitando entre literatura e filosofia. A crônica é um relato saudosista de um homem que perdeu um amigo em um acidente automobilístico. Rememorando momentos de companheirismo são postos em evidencia as características do amigo falecido sobretudo o sorriso. A grande dor pela perda do amigo causa um turbilhão de sentimentos que envolvem saudade, tristeza, angústia. Diante de tais sentimentos corroboramos com Jean Paul Sartre ao afirmar que o homem não se encontra encerrado nele mesmo, mas sempre presente num universo humano. Quando o autor revela sobre o amigo ‘uma parte tua havia desistido de viver e outra se ia destruindo lentamente’, revela que o amigo vivia uma crise existencialista não revelada, somente os amigos sabiam. Para desenvolver nosso estudo nos fundamentamos em Sartre (2007, 2008).

Palavras-chave: Crônica. António Lobo Antunes. Existencialismo.

O HEROI SERTANEJO E A QUESTÃO IDENTITÁRIA EM CURRAL DE SERRAS DE ALVINA GAMEIRO

Elenice Maria Nery (SEDUC/UFPI)

O romance *Curral de Serras* (1980), da escritora piauiense Alvina Gameiro retrata a longa jornada do personagem Valente, pelo sertão nordestino, em busca de um irmão desaparecido, até estabelecer pouso em uma fazenda de gado que ele, posteriormente, denomina de Curral de Serras. Até chegar à fazenda, o personagem assume diversos papéis que o tornam representante da cultura sertaneja, tornando-o assim, um sujeito múltiplo, cuja identidade se constrói pela diferença, de acordo com a concepção de Woodward (2009). Dentro desse contexto, cumpre destacar também a importância do Outro nessa construção identitária, destacando esse Outro, no romance analisado, a personagem feminina Isabela. Neste sentido, esse trabalho pretende demonstrar como a construção da identidade sertaneja acontece no romance, a partir da caracterização do sertanejo como herói que se constrói na ambivalência EU/OUTRO. Para tanto, será tomado como subsídio teórico os pressupostos de Stuart Hall (2003), Zilá Bernd (1992), Homi Bhabha (1998), Zygmunt Bauman (2005), Manuel Castells (1999), Kathryn Woodward (2009); e para embasar nossa discussão sobre o sertão, utilizaremos os pressupostos de Candice Vidal (1997).

Palavras-chave: Curral de Serras. Alvina Gameiro. Identidade sertaneja.

A PRESENÇA DE “HAMLET” EM “A CARTOMANTE” – UMA DEIXA PARA O DIALOGISMO NO ENSINO DE LITERATURA

Elimar Barbosa de Barros (UESPI)

Apropriando-se do dialogismo bakhtiniano, William Roberto Cereja, na obra: “Ensino de Literatura: uma proposta dialógica para o trabalho de literatura” (2005), aponta um novo caminho para o ensino dessa disciplina no nível médio. Nessa perspectiva, este trabalho visa refletir sobre a proposta de Cereja (2005) e pretende apresentar, a título de sugestão, uma abordagem de ensino dialógica tendo como corpus o conto “A cartomante” de Machado de Assis. Para a elaboração do que se propõe, nesse artigo, verificar-se-á possíveis pontos de intersecção entre a obra citada, do autor brasileiro, e a peça *Hamlet, o príncipe da Dinamarca* de William Shakespeare. Além disso, analisar-se-á, de maneira comparativa, o sentido de tragédia presente nessas obras. As discussões sobre o ensino de literatura e a abordagem que se pretende desenvolver, nesta pesquisa, têm como base o estudo de Cereja (2005). E, terá, ainda, como fundamentação os pressupostos teóricos de ARISTÓTELES (2005); BAKHTIN (2010); JAUSS (1994), CÂNDIDO (2011), HIRATA (2008), PAGEAUX (2011); WILLIAMS (2002).

Palavras-chave: Dialogismo. Ensino de Literatura. Hamlet. “A cartomante”. Machado de Assis. William Shakespeare.

A PALAVRA NEGRO SOB PERSPECTIVA

Ella Ferreira Bispo (UFPI)

Alcione Corrêa Alves (Orientador/UFPI)

O presente estudo elabora uma leitura possível à poesia "A palavra negro" (1987), do poeta Luiz Silva, conhecido como Cuti. Tendo em vista os processos de (re)construções identitárias de sujeitos afroamericanos, procura-se compreender como a metapoesia de Cuti atende as funções de dessacralização e sacralização. Para tanto, recorre-se às obras *Le discours antillais* (1997), de Édouard Glissant; *Da diáspora: identidades e mediações culturais* (2003), de Stuart Hall, *O local da cultura* (1998), de Homi K. Bhabha e *Linguaje, poder e identidad* (1997), de Judith Butler. Em suma, promove-se uma discussão sobre a ressignificação da palavra "negro", conforme o forjado na referida poesia, bem como as implicações dessa ressignificação. Esta pesquisa tem sido elaborada no âmbito do Projeto Cadastrado de Pesquisa Teseu, o labirinto e seu nome, desenvolvido na Universidade Federal do Piauí.

Palavras-chave: Cuti. Poesia. Construções identitárias afroamericanas. Sacralização. Dessacralização.

DA LÍRICA MEDIEVAL À LITERATURA DE CORDEL: AS REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS DA MULHER NAS CANTIGAS GALEGO-PORTUGUESAS E NOS FOLHETOS DE CORDEL

Érica Patricia Barros de Assunção (UFPI)

Samantha de Moura Maranhão (Orientadora/UFPI)

Este estudo pretende analisar como se dá a construção das representações indenitárias da mulher na lírica trovadoresca galego-portuguesa e na literatura de Cordel, estabelecendo assim, uma comparação entre cantigas medievais e histórias de cordel para a apreensão de características afins, no que diz respeito à formação da imagem feminina, em ambas as manifestações literárias. Trata-se, pois, de uma pesquisa de natureza qualitativa e interpretativa baseada nas contribuições teóricas de Castells (1999), Hall, Woodward e Silva (2000), Spina (1996), Júnior (1986), dentre outros. A lírica galego-portuguesa nos permite compreender, por meio das cantigas, as dimensões da organização da sociedade medieval e dos papéis exercidos pela mulher na mesma. Além disso, ela nos possibilita, através de sua grande influência, a compreensão das estruturas da literatura moderna. A literatura de cordel, por sua vez, é considerada uma importante representação da memória popular brasileira e proporciona a compreensão dos fatores socioculturais que contribuem para a construção dos valores simbólicos agregados à figura feminina. Em nossa análise, podemos observar que as imagens femininas construídas na poesia galego-portuguesa se assemelham àquelas construídas nos folhetos de cordel. Em ambas as manifestações literárias, a mulher, uma figura bastante explorada dentro da temática central amorosa, é representada através de imagens nas quais a construção da identidade feminina baseia-se nos temas que permeiam a figura da mulher, como o casamento, a beleza exuberante, a religiosidade, a pureza e o amor espiritual.

Palavras-chave: Representação. Identidade feminina. Lírica galego-portuguesa. Literatura de cordel.

JOSÉ SARAMAGO E A REPRESENTAÇÃO DO DEUS DO JUDAÍSMO-CRISTÃO: UMA ANALOGIA DA RELIGIOSIDADE MODERNA

Francisca Carolina Lima da Silva (UFC)

Uma das temáticas predominantes na obra de José Saramago é a releitura e a intertextualidade com as escrituras sagradas que compõem os evangelhos do Judaísmo-Cristão. Essa prática se constrói a partir de uma desconstrução das narrativas bíblicas e de uma leitura subversiva dos preceitos que fundaram o ideário ocidental. Ateu convicto, nessas inversões anti-religiosas, Saramago, ao mesmo tempo em que questiona crenças inabaláveis, apresenta-nos a desmistificação da História oficial, a partir de uma visão humanizadora dos episódios bíblicos. Dentro desse diálogo, uma das principais subversões que o autor realiza é a inversão de papéis entre Deus e o homem: enquanto este, através da figura de Jesus Cristo, assume as funções sagradas de Deus, (principalmente a de ser a medida de todas as coisas), aquele corporifica qualidades tipicamente humanas, comprovando, para o autor, sua ineficiência enquanto entidade superior. Esse trabalho pretende analisar a semelhança entre os conceitos que circundam a mudança da atitude religiosa no Ocidente, após o surgimento do Cristianismo, defendidos pelo movimento filosófico da morte de Deus, assim como a construção das personagens “deus” e “Jesus Cristo” na obra *O Evangelho segundo Jesus Cristo* (2005), do escritor português José Saramago, com a finalidade de realizarmos uma analogia entre a representação do pensamento acerca da religiosidade moderna, exposto de forma explícita na obra, e o conceito moderno da religião judaico-cristã, numa perspectiva humanista.

Palavras-chave: Deus. Homem. José Saramago.

AS IMAGENS DO ESPAÇO EM *RIO SUBTERRÂNEO* DE O. G. REGO DE CARVALHO

Francisca Jheine Andrade Cunha (UESPI)

O objetivo deste artigo é analisar as imagens simbólicas do espaço em *Rio Subterrâneo* de O. G. Rego de Carvalho. Para efetuar-se o objetivo proposto, utilizou-se como aportes teóricos: Bachelard (1993), Chevalier e Gheerbrant (2002) e Gilbert Durand (1988). A partir das reflexões sobre o importante papel da imaginação para a vida do homem, verificou-se que as imagens são criadas através da relação dele consigo, com o outro e com o mundo. Assim, notou-se que as imagens literárias são contextuais e se mostram após o contato do leitor com o texto. Em *Rio Subterrâneo* essas imagens são geradas a partir do contato dos personagens com o espaço habitado, descritos pelo narrador. Os espaços internos (casa, quarto, sala e corredores) representam imagens de solidão, desconforto, receio, medo. Já o espaço externo (elementos da paisagem), em certos momentos da narrativa, conforta o personagem e em outros corporifica a dialética interior/exterior, pois o personagem não encontra refúgio no interior de uma habitação e em nenhuma outra paisagem de seu habitat. Desse modo, percebeu-se que em *Rio Subterrâneo* o espaço possui importante papel para a construção do sentido simbólico do romance.

Palavras-chave: Espaço. Imaginário. *Rio Subterrâneo*. O. G. Rego de Carvalho.

A TRAGICIDADE NAS PERSONAGENS FEMININAS DE *ONDE ESTIVESTES DE NOITE* E *A VIA CRUCIS DO CORPO*, DE CLARICE LISPECTOR

Francisca Liciany Rodrigues de Sousa (UFC)

Esta pesquisa objetiva estudar a tragicidade nas personagens femininas das obras *Onde Estivestes de Noite* e *A via Crucis do Corpo*, de Clarice Lispector. Através de pesquisa bibliográfica, demonstra que o feminino é o locus em que o trágico se apresenta na obra clariceana. Esse trágico é conceituado como o titubear entre opostos, na entrelinha formada pelo questionamento das personagens acerca da existência de um destino e da autonomia das escolhas. Assim, a mulher, por sua própria situação conflituosa, colocada entre natureza e sociedade, é mais propensa a vivenciar o conflito trágico da condição humana. Focaliza também o sublime e o grotesco na obra da autora, e demonstra que o trágico é evidenciado a partir da complexa relação entre ambos, na busca por transcender os papéis sociais e ligar-se à origem do mundo. Para tanto, serve-se das contribuições de autores como Brandão (1996) e Ricouer (1953), no que tange ao conceito de trágico. Apoia-se também nos pensamentos de Hugo (2007) e Rosenfeld (1993) no concernente às conceituações do sublime e do grotesco, e, por último, relaciona as ideias desses pensadores a de teóricos da obra clariceana, como Almeida (2004) e Pires (2006), bem como com estudiosos das questões femininas, entre esses Beauvoir (1980) e Monteiro (1998).

Palavras-chave: Feminino. Trágico. Grotesco.

**“O FELIZ ACIDENTE DA EXISTÊNCIA” EM ANTONIO LOBO ANTUNES:
TECENDO APONTAMENTOS FILOSÓFICOS**

Francisca Marciely Alves Dantas (PG-UFPI)
Maria Elvira Brito Campos (Orientadora/UFPI)

O presente estudo tem como objetivo esclarecer de que maneira o tempo interfere na condição humana na crônica “Em caso de acidente” (2002) do escritor português António Lobo Antunes. Nesse sentido, o que chama a atenção na linguagem tensionada do escritor português é a maneira como ele transforma “o trivial” em escritos que tematizam questões fundamentais do ser humano, tornando dizíveis os sentimentos líquidos que atormentam o homem em sua busca pelo porvir. A condição humana torna-se objeto poético constante em sua escritura, em especial em suas crônicas, trazendo à luz reflexões que permeiam a liberdade e o poder de escolha, sinalizando uma subjetividade que somente por meio da arte é possível alcançar em sua inteireza. A crônica analisada demonstra a maneira como o personagem e o narrador se comportam diante do exame de sua existência na tessitura poética. Relativamente a isso, temos o confronto demasiadamente humano entre o indivíduo e o próprio tempo. Porém, a angústia diante do instante que passa e que não volta mais é decorrente das constantes escolhas que o ser humano está condenado a realizar. O indivíduo está permanentemente se escolhendo e diante dessas decisões acertadas ou não, resta apenas a incerteza. E são essas ações que revelam o conceito sartriano de liberdade ontológica, transformando e construindo o cenário existencial do homem diante do mundo que o circunda, despontando as diversas cenas representativas que o mesmo pode assumir, a partir de seus atos. As obras *O ser e o nada* (SARTRE, 2008) e *Ser e tempo* (HEIDEGGER, 2002) fundamentam o estudo aqui proposto, buscando circunscrever os estágios ontológicos: em-si, para-si e para-outrem, explicitando o que podemos caracterizar de subjetivismo do ser.

Palavras-chave: Literatura. Crônica. Filosofia. António Lobo Antunes.

**REPRESENTAÇÃO E DUALIDADES: ANTÓNIO MALHADAS O ANTI-HERÓI EM
O MALHADINHAS, DE AQUILINO RIBEIRO**

Francisca Olane Rodrigues da Silva (UFPI)
Karine Costa Miranda (Orientadora/UFPI)

Este trabalho é uma proposta de análise das dualidades presente na novela *O Malhadinhas* (1958), de Aquilino Ribeiro, através do personagem protagonista António Malhadas. A novela aquiliniana apresenta intensas oscilações e dualidades do personagem no decorrer de sua movimentada saga. O protagonista da narrativa, nos apresenta características que o distanciam do herói, encarnando assim um anti-herói picaresco. António Malhadas é marcado por projeção ambígua que, por um lado, representa as virtudes e valores que o ser humano comum não conseguiria ter, entretanto, almeja conseguir por meio da bravura e coragem; por outro lado representa a condição humana com toda sua complexidade ética, social e cultural. Diante disso, compreendemos que o personagem narrador é um anti-herói da literatura moderna. Desse modo, busca-se compreender, por meio de uma leitura interpretativa da obra referida, a origem das características do anti-herói, averiguando as particularidades da novela picaresca aquiliniana, como forma de articular polos antagônicos. Este trabalho voltou-se para a identificação e análise das estratégias dualizantes de herói/anti-herói; honra/desonra; sagrado/profano e sentido/razão, utilizadas pelo autor para tecer a oscilação do personagem no decorrer da narrativa. A pesquisa é de caráter exploratório e bibliográfico, estando a análise centrada no personagem António Malhadas. Como base teórica utilizaremos os estudos de Flavio Kothe (1985), Martin Feijó (1984) e Mario González (1994).

Palavras-chave: Herói. Anti-herói. *O Malhadinhas*.

**OVÍDIO SARAIVA, POEMAS: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTO DA
POESIA ÁRCADÉ**

Francisco das Chagas Souza Carvalho Filho (UESPI)

O presente trabalho tem como objetivo discorrer sobre algumas características da obra *Poemas* (1808), do poeta piauiense Ovídio Saraiva de Carvalho e Silva, principalmente acerca da matéria literária do livro, relacionando sua produção ao período conhecido como Arcadismo, apontando aproximações e afastamentos do vate com a estética árcade e, sua ligação com o movimento no cenário português. Nesse contexto, tanto elementos de ordem estrutural, como o metro empregado e os tipos de estrofes utilizados pelo poeta em suas composições poéticas, e as formas por ele privilegiadas nesse processo, quanto de natureza temática, incluindo os temas por ele trabalhados, como a evocação de histórias míticas são matérias deste estudo. Para a fundamentação teórica deste artigo utiliza-se dentre outros autores, Óscar Lopes e José Saraiva (2001), Daniel C. B. Ciarlini (2012), Massaud Moisés (2013) e Ruedas de La Serna (1995). Trata-se, pois, de um estudo da poética ovidiana expressa em seu livro de estreia.

Palavras-chave: Ovídio Saraiva. Poemas. Arcadismo.

**A REPRESENTAÇÃO DA MORTE, DO JULGAMENTO E DA SALVAÇÃO NO
TEATRO VICENTINO E SEUS ASPECTOS RESIDUAIS NO TEATRO
CONTEMPORÂNEO DE ARIANO SUASSUNA**

Francisco Wellington Rodrigues Lima (PG– UFC)

Elizabeth Dias Martins (Orientadora/UFC)

Durante a Idade Média, muito se pensou sobre a morte e o Além. Conforme Abbagnano (1998, p. 853), os medievais tornaram a “realidade transcendente”. Assim como o mundo dos vivos, o mundo material era efêmero, um mundo de aparências, uma representação, uma imagem. A vida mundana deveria voltar-se para o verdadeiro significado oculto por trás da matéria, uma vez que o sentido da vida humana, como pregava a Igreja Católica, era dado pelo mundo do Além, pois o Inferno e o Paraíso existiam e eram imutáveis e eternos; o mundo não. Nesse contexto, a representação da morte e do Além trouxe significados importantes para o imaginário medieval. A morte era o início de uma nova “vida”; era representada como um ser enigmático, negro, com uma foice na mão, face descarnada, significava um momento de passagem, uma travessia. Ela provocava medo. Contudo, falava-se também em julgamento e salvação; anjos e demônios; Deus e o Diabo; santos e santas em defesa da alma pecadora, especialmente, no mundo das artes, inclusive, no teatro, objeto de nosso estudo. Sendo assim, é nesse instigante jogo entre tradição, imaginário, mentalidade e representatividade que, mergulhando nos diversos saberes, construiremos a nossa pesquisa investigativa, buscando, nas mais antigas tradições o elo entre o presente, o passado e o futuro de nossa história popular humana e universal, tendo como ponto de partida o teatro de Gil Vicente, a Teoria da Residualidade, o teatro medieval, o teatro brasileiro contemporâneo de Ariano Suassuna, em especial, o "Auto da Compadecida".

Palavras-chave: Teatro, Residualidade, Medieval.

EU E LÍDIA: A CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS EM *ÁGUA VIVA* E *O SILÊNCIO*

Geisiane Dias Queiroz (UFPI)

Maria Elvira Brito Campos (Orientadora/UFPI)

Esta dissertação tem por objetivo estudar as personagens femininas das obras *Água viva* (1974), de Clarice Lispector e *O silêncio* (1981), de Teolinda Gersão, ao apresentar o processo construtivo dos principais tipos femininos nos romances mencionados. Ao romper com a situação em que se encontra cada uma das personagens, a narradora de *Água viva* e Lídia, de *O silêncio*, formam e transformam os romances em verdadeiros puzzles onde o leitor tem papel primordial ao construir os sentidos do texto. Primeiramente foi elaborado um panorama do romance onde a evolução do gênero permite a eclosão de narrativas centradas num eu enunciativo ao qual os objetos de estudo desta dissertação se assemelham. Em seguida, com base nos estudos de Edward M. Forster (2005), Antonio Candido (2009), Aguiar e Silva (1974) como também do crítico James Wood (2012) mostrou-se o estudo da personagem na construção da narrativa e como ela se desenrola na evolução dos gêneros narrativos. Partindo, então, dos romances de Clarice e Teolinda, analisou-se individualmente as personagens emblemáticas de cada uma confirmando o percurso ficcional paralelo das autoras. Por fim, ao debruçar-se especificamente em *Água viva* e *O silêncio*, a comparação

demonstra a imprecisão e fluidez como características marcantes na construção das personagens estudadas.

Palavras-chave: Personagem. *Água viva*. *O silêncio*. Clarice Lispector. Teolinda Gersão.

OS *VERSUS RAPPORTATI* E OS *ADYNATA* NO *CANCIONEIRO GERAL DE GARCIA DE RESENDE* – TRANSGRESSÕES DE LINGUAGEM OU DE PENSAMENTO?

Geraldo Augusto Fernandes (UFC)

Os *adynata* e os *versus rapportati* são recursos embelezadores extremos que os poetas clássicos usavam para expressar as inversões – tanto aquelas de um mundo em mutação, quanto aquelas de preciosismo na expressão poética. O *adynaton* ou *impossibilia* é um dos tropos em que a inversão se dá no nível do pensamento. Muito usado pelos poetas palacianos, o *adynaton* quinhentista tem um objetivo bem fundado: os poetas, ante um mundo em mutação, principalmente pelas Conquistas e os males que estas trazem à antiga vida idealizada de moralidade e de simplicidade, sentem estar o mundo virado ao contrário. No entanto, o recurso é usado também nos poemas satíricos e amorosos; Giuseppe Tavani, em “O cômico e o carnavalesco nas cantigas de escarnho e maldizer”, escreve que “a cultura cômica tem isto de peculiar: não inventa, não cria, mas modifica, altera, inverte. Veja-se, por exemplo, o caso do motivo do ‘mundo às avessas’”. Quanto às *sínquises* ou *versus rapportati*, Quintiliano, em seu *Institutio oratoria*, comenta que os poetas se valem da divisão dentro de uma mesma palavra como no caso da *tmese*, mas também o fazem alterando a estrutura das frases e estrofes. É ao que recorrem os poetas do *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende de 1516. As *sínquises* exigem do leitor uma releitura da estrutura do texto para se entender o sentido. Este estudo pretende mostrar exemplos de *sínquise* e de *adynaton* e analisar se esses tropos foram possivelmente usados pelos poetas do *Cancioneiro* como artifício de linguagem poética ou de expressão de pensamento, numa época em que o mundo, para eles, estava se invertendo – as Conquistas trouxeram a Portugal não só riquezas, mas também incertezas e insegurança. Seriam apenas artifício poético ou expressão de um mundo invertido, transgredindo todo um conceito de estabilidade e de segurança?

Palavras-chave: *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende. *Adynata*. *Sínquise*. Retórica. Tropos.

ROMANCES PORTUGUESES NA IMPRENSA PARAENSE OITOCENTISTA

Germana Maria Araújo Sales (UFPA)

Durante o século XIX, mesmo após a independência, permaneceu constante o contato entre Brasil e Portugal, principalmente no que diz respeito ao envio de livros e impressos entre Lisboa e as demais províncias brasileiras. Nesse período era comum que se lesse aqui, o que os autores portugueses escreviam e publicavam do outro lado do Atlântico e, nessa travessia além mar, narrativas lusas fizeram parte da vida dos leitores brasileiros, quando divulgados em romances impressos, anunciados à venda nas sessões dos jornais ou quando divulgados nas colunas literárias, como no espaço folhetim. Demonstrar a presença e o trânsito dessas narrativas em periódicos oitocentistas que circularam na Belém oitocentista é a proposta desse trabalho.

Palavras-chave: Prosa de ficção. Impressos portugueses. Colunas literárias. Século XIX.

A ANATOMIA DOS CONTOS “O BARRIL DE AMONTILADO” E “VENHA VER O PÔR-DO-SOL”

Gladson Fabiano de Andrade Sousa (UFMA)
Naiara Sales Araujo Santos (Orientadora/UFMA)

O presente trabalho tem por finalidade apresentar, através do cotejo dos contos “O barril de montilado” de Edgar Allan Poe e “Venha ver o pôr-do-sol” de Lygia Fagundes Telles, os caminhos narrativos que traçam cada autor para se chegar ao que o próprio Poe definiu, no século XIX, como sendo o principal objetivo do contista que é o efeito de totalidade. Na história dos estudos críticos sobre conto, Poe goza de prestígio como o inventor do conto moderno, sendo, a partir de então, feita uma tradição do conto a Poe, com seu estilo de começo, meio e fim bem definidos e intensos. Lygia Fagundes Telles, paulista, contista já consagrada apresenta-se não apenas como herdeira de tal estilo, mas renovadora, adicionando elementos pessoais a tal estrutura. Como pressupostos, além das observações de Poe a respeito da estrutura do conto, apresentamos Ricardo Piglia, para o qual na arte do conto apresenta-se duas histórias paralelas, uma em superfície, outra em profundidade. Por fim, devemos salientar que não somente as semelhanças entre as estrutura narrativas devem ser elucidadas, mas também as diferenças, pois estas marcam a renovação no estilo do gênero.

Palavras-chave: Lygia Fagundes Telles. Edgar Allan Poe. Efeito de totalidade.

ASPECTOS DA IDENTIDADE NACIONAL NO POEMA ÉPICO *COBRA NORATO* DE RAUL BOPP

Heráclito Júlio Carvalho dos Santos (UESPI)

O presente artigo pretende analisar os aspectos de identidade nacional, no viés brasileiro contidos no Livro de poemas *Cobra Norato*, do escritor gaúcho Raul Bopp, no que cerne a aspectos que identificam a referência ao mito amazônico da cobra, onde o poeta a estrangula e entra em sua pele saindo dos confins da floresta amazônica em direção a Belém do Pará onde ele tenta encontrar a filha da Rainha Luzia, com quem pretende se casar. O poema é cheio de referências a cultura amazônica, com muitas metáforas sobre a vida no referido lugar e expressa uma deglutição antropofágica na qual Bopp era influenciado por ocasião do modernismo no Brasil através da Semana de Arte Moderna de 1922. Para a consecução da pesquisa, encontrou-se aporte nos teóricos Hall (2011), Cevasco (2003), Tadeu da Silva (2004) com base em estudos de teorias da identidade nos estudos culturais por teóricos como Richard Hoggart. A epopéia indígena cabocla de *Cobra Norato* tornou-se uma fonte de estudos posteriores a sua publicação, sobretudo pela linguagem que funde elementos indígenas e africanos com a oralidade, irradiadora deste conceito de identidade nacional proposto neste estudo.

Palavras-chave: Identidade. Amazônia. *Cobra Norato*.

AS CONSTRUÇÕES E SIGNIFICAÇÕES ENTRE A CASA, A CIDADE E OS SUJEITOS NA OBRA *PACAMÃO* DE ASSIS BRASIL

Herasmo Braga (UESPI)

Em *A Poética do Espaço* (1993) Bachelard adverte ser a casa como uma das maiores (forças) de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem. Na obra *Pacamão* (2008) de Assis Brasil visualizamos essa integração. Os personagens que habitam o Palacete, uma das casas de maior representatividade na narrativa, são constituídos e moldados por ela. Demonstrativo disso são os azulejos externos da fachada, que em épocas passadas estavam sempre limpos e representavam o período áureo da família que fez fortuna com o babaçu depois com a carnaúba. E por simbolizar essa hegemonia social, o Palacete acaba sendo o agente norteador da vida dos seus habitantes, configura-lhes identidades. Assim, ele estabelece normas e preceitos que não se podem fugir. E aqueles sujeitos não concordantes com esse *modus vivendi* acabam morrendo como Nazinha ou saem para o mundo como Darcy. E é nesse aspecto no tocante ao espaço que nos respaldamos em Luis Alberto Brandão em *Teoria do Espaço Literário* (2013) ao dizer que se o espaço, como categoria relacional, não pode fundamentar a si mesmo, é por meio de suas ficções que ele se manifesta, seja para vir a ser tomado por real, seja para reconhecer-se como projeção imaginária, ou, ainda, para se explicitar, na autoexposição de seu caráter fictício, como realidade imaginada. Assim os personagens influenciam e são influenciados pelos espaços do Palacete e da cidade de Parnaíba. E analisar esses diálogos, construções e significações dos espaços entre os personagens configuram o nosso propósito de investigação.

RELAÇÕES LITERÁRIAS DE HERCULANO E DE GARRETT COM A CULTURA LETRADA BRASILEIRA

Hugo Lenes Menezes (USP)

Os diálogos entre a cultura estético-escrita no Brasil e a arte da palavra no exterior sempre se mostraram acentuados. Não esqueçamos que, entre nós, a criação artístico-verbal é um legado do colonizador europeu. Daí nossas manifestações literárias nativas terem sido encaradas como ressonância da produção nas metrópoles do Velho Mundo. Semelhante fato terminou por originar a interessante terminologia literatura luso-brasileira, a qual determinados estudiosos utilizaram, por exemplo, na classificação de um grupo de obras aqui publicadas durante o período da tutela do império português, mas impregnadas de motivos brasileiros. Alguns de seus autores, mesmo tendo origens lusas, como o Padre Antônio Vieira e Tomás Antônio Gonzaga, de tal modo se identificaram com nossos valores, que podemos considerá-los integrantes de um patrimônio comum aos dois países. Embora os diálogos entre as literaturas em causa diminuíssem diante da maior penetração das letras francesas na metade dos Oitocentos, observamos que Brasil e Portugal continuam parceiros, em particular, mantendo pontes literárias. Assim sendo, no trabalho que ora propomos, objetivamos enfocar os lusitanos Herculano e Garrett em suas relações com nossa cultura letrada.

PROSA POÉTICA VESUS POEMA EM PROSA: EM TESE MIA COUTO E FERNANDO PESSOA

Irla Fernanda e Silva Soares (PG-UFPI)

Para Massund Moisés (2005), se levarmos ao pé da letra o termo gênero, bem como o conteúdo nele expresso, só existem dois gêneros literários a citar: poesia e prosa. O primeiro diz respeito à expressão do “eu”, enquanto o segundo seria a do “não-eu”. Assim sendo, o presente trabalho tem como objetivo o estudo desses dois gêneros, tendo como foco a distinção entre os dois modos de ver o mundo, nas formas: prosa poética e poema em prosa. Um estudo nesta área se faz pertinente, haja vista que essas formas se distinguem pelo fato daquela constitui-se como um gênero híbrido, aproximando-se da poesia, na medida em que se utiliza do lirismo, enquanto esse um gênero autônomo, pois abdicar a forma tradicional de se fazer poema, o verso descontinua, e passa a adotar uma forma contínua, linear. Contudo, muitas vezes, essas formas literárias têm sido confundidas e estudos nessa área da teoria da literatura tornam-se cada vez mais fundamentais. Teremos como apoio literário o *Livro do desassossego*, Fernando Pessoa, e o conto *A velha e a aranha*, Mia Couto. A base epistemológica desta pesquisa será: A criação literária (2005), Massaud Moisés, e Teoría del poema en prosa (1999), Terramocha.

Palavras-chave: Prosa poética. Poema em prosa. Fernando Pessoa. Mia Couto.

REFLEXÕES ACERCA DA TRANSITORIEDADE DA BELEZA EM CECÍLIA MEIRELES

Isabela Christina do Nascimento Sousa (UFPI)

Poeta ligada às fontes tradicionais da lírica luso-brasileira, Cecília Meireles foi contra a corrente modernista que estava a todo vapor em sua época sem, no entanto, deixar de ser reconhecida pela notabilidade de sua obra, delineando em seus poemas dramas e tensões do mundo feminino. O presente trabalho se propõe a analisar a temática da transitoriedade do tempo assim como a velhice a partir de uma perspectiva feminista, mostrando a fragilidade de um “eu” angustiado frente à efemeridade do corpo que acarreta na dissolução da beleza que sempre foi uma das exigências impostas às mulheres através da representação do feminino, também é possível perceber dentro dos poemas uma preocupação em deixar heranças através de memórias. O corpus do estudo é constituído por três poemas: Retrato, 4º motivo da rosa e Medida da Significação. Para auxiliar na análise, são utilizados os textos de Mary Anne Ferguson (1991), Paul Ricoeur (2000), e Susana Bornéo Funck (2011).

FRAGMENTOS DE DIÁLOGO ENTRE NARRATIVAS DE ANTÔNIO TORRES E LOBO ANTUNES

Ismahêlson Luiz Andrade (UNIJORGE)

O texto aqui apresentado visa a estabelecer diálogos entre narrativas do escritor brasileiro Antônio Torres (1940) e do escritor português António Lobo Antunes (1942), com o intuito de ampliar discursos possíveis entre escritores de língua portuguesa. Um trabalho comparativo ao observar as trajetórias de sujeitos fragmentados - exilados de suas terras por razões diversas. Ou seja, um diálogo que visa o tecer da memória, construído por meio de narrativas cujos narradores-protagonista mergulham na complexa existência de si mesmos, vista a partir de um discurso descontínuo de imagens captadas e emitidas numa sequência imprevisível. No contexto sugerido, ambos os escritores têm, em suas narrativas, e na representação de suas personagens, características bem relevantes que mostram como o sujeito fragmentado e multifacetado da contemporaneidade pode construir o discurso literário,

utilizando, para tal, o percurso constituído pela memória. O principal recorte para os possíveis diálogos, neste caso específico, são romances *O Cachorro e o Lobo* (1997) e *Memória de Elefante* (1979), de Antônio Torres e Lobo Antunes, respectivamente. Romances que fazem parte de uma trilogia de cada um dos dois autores.

Palavras-chave: Contemporaneidade. Diálogo. Discurso. Fragmentado. Memória.

DENTRO DO NAVIO NEGREIRO: TRAVESSIA E CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS NO ROMANCE ÚRSULA

Jéssica Catharine Barbosa de Carvalho (UFPI)
Alcione Corrêa Alves (Orientador/UFPI)

Este trabalho tem por objetivo analisar o capítulo IX do romance *Úrsula* (1859), de Maria Firmina dos Reis, intitulado “A Preta Susana”. Busca-se identificar as construções identitárias expressas no romance a partir do exame de passagens da narrativa que versam sobre a travessia no navio negreiro feita pelos negros escravizados, do continente Africano ao Americano. Toma-se como pressuposto que tal análise pode ser empreendida com base no discurso proferido pela negra Susana, considerando, outrossim, o lugar de enunciação da personagem. Ademais, ressaltamos que a obra está inserida no debate referente à temática abolicionista, que destaca o sujeito negro escravizado como vítima do sistema patriarcal vigente no país, o que era pouco denunciado pela literatura canônica produzida até então. O trabalho será realizado mediante leitura e análise da obra em questão articulada ao referencial teórico que contará com os estudos de Eduardo de Assis Duarte (2004), Algemira Macêdo Mendes (2006), Alcione Corrêa Alves (2012), entre outros. Este estudo está sendo desenvolvido no âmbito do Projeto de Pesquisa Teseu, o labirinto e seu nome, em vigor na Universidade Federal do Piauí.

Palavras-chave: *Úrsula*. Travessia. Construções Identitárias afrobrasileiras.

ROMANCE EM CORES EM UM LIVRO DE CEGOS: INTERDISCURSIVIDADE ENTRE LITERATURA E PINTURA EM JOSÉ SARAMAGO

Jeymeson de Paula Veloso (UFPI)

O presente trabalho objetiva verificar a intertextualidade existente na obra saramaguiana entre a pintura e a literatura, especialmente, no romance *Ensaio sobre a Cegueira* (1995). Para tanto, utilizaremos os estudos teóricos e críticos de Linda Hutcheon, Ana Paula Arnaut e Eula Pinheiro para observarmos as relações existentes entre os dois campos artísticos e discursivos como uma das características do pós-modernismo. Nas suas obras José Saramago nos remete a contextos externos ao campo verbal, por conta disso acreditamos ser apropriado nesses casos falar em interdiscursividade, para nos referirmos às relações estabelecidas com as pinturas de Pieter Bruegel, Van Gogh, Pablo Picasso, dentre outros. A pesquisa basear-se-á, eminentemente, em pesquisa bibliográfica com interpretação da obra frente as referências pictóricas que nela são apresentadas e aplicação dos conceitos que versam sobre o tema em questão a fim de demonstrar a plausibilidade da leitura do romance pelo viés da interdiscursividade. Verifica-se que esta característica permeia toda a narrativa saramaguiana desde Manual de pintura e caligrafia, concorrendo para a fragmentação da narrativa e para sua leitura como uma obra pós-modernista.

Palavras-chave: Interdiscursividade. Pintura. José Saramago.

IDENTIDADE E MOÇAMBICANIDADE EM “RAÍZES”, DE MIA COUTO

Joaquim Lopes da Silva Neto (PG-UFPI)

O presente trabalho traz uma análise do conto “Raízes”, de Mia Couto, narrativa que faz parte do livro *Contos do Nascer da Terra*, publicado em 1997, voltando-se para o processo de construção da identidade do sujeito-Nação moçambicano. Serão analisados os processos pelos quais se pode perceber, dentro do conto, como se dá a ideia de nação, de enraizamento, desenraizamento e da moçambicanidade. Serão usados aportes teóricos de pesquisadores como Jane Tutikian, Édouard Glissant, Ecléa Bosi, Tomás Tadeu Silva, entre outros. Assim sendo, será buscado nesse estudo, meios de compreender como o autor entende os aspectos da (re)construção identitária na narrativa apresentada, quando será feita uma análise inicial sobre identidade e crise de identidade. Em seguida, buscar-se-á compreensão sobre os aspectos que envolvem a moçambicanidade e, por fim, será percebido dentro da análise do conto, onde se encaixam a identidade, a crise de identidade e se há características de moçambicanidade presentes nessa escrita de Mia Couto.

Palavras-chave: Mia Couto. Raízes. Moçambicanidade. Identidade.

RAÇA E COLONIALISMO EM “O EMBONDEIRO QUE SONHAVA PÁSSAROS” DE MIA COUTO

Joelma de Araújo Silva Resende (PG-UFPI)

Sebastião Alves Teixeira Lopes (Orientador/UFPI)

Em “O embondeiro que sonhava pássaros” Mia Couto narra a história de um velho negro que sobrevivia de vender pássaros; ao entrar no bairro dos colonos, provoca alvoroço entre as crianças, conquistando-lhes a amizade. Os pais das crianças, contudo, rejeitam e destratam o velho por causa de sua cor. O ódio que sentem pelo velho é tão grande que chegam a espancá-lo. Essa pesquisa tem o objetivo de examinar as problemáticas relações raciais herdadas da colonização portuguesa em Moçambique retratadas no conto de Mia Couto. Como embasamento teórico, recorre-se a Ramos (2009), que discute a presença do negro na literatura e o papel deste em seu meio social; a Spivak (2012), que discute sobre o sujeito subalterno; a Bonnici (1998) que aborda questões relacionadas ao pós-colonialismo; dentre outros. Trata-se de uma pesquisa qualitativa bibliográfica no campo da Crítica Literária pela perspectiva dos Estudos Pós-Coloniais. Percebe-se no conto uma revalorização de valores tradicionais marginalizados pelo regime colonialista europeu. Há também uma resignificação das relações raciais, questionando-se velhas práticas e pressupostos de superioridade típicos da lógica colonial.

Palavras-chave: Literatura africana. Mia Couto. Raça. Colonização.

A IMPOSSÍVEL NARRATIVA DO PROCESSO COLONIAL NA ÁFRICA: EÇA E CONRAD NA CONTRACORRENTE DA IDEOLOGIA COLONIALISTA

José Carlos Siqueira (UFC)

Nos estertores do século XIX, dois escritores originários da periferia europeia abordaram a questão da neocolonização africana por meio de formas literárias incomuns, forjando assim obras de grande originalidade. O polonês Joseph Conrad, por escrever em inglês (língua geral do Ocidente), teve a grande felicidade de tornar sua novela *O coração das trevas* uma das obras-primas da literatura oitocentista, cuja poderosa repercussão se faz sentir ainda em nossos dias. Menos feliz foi o nosso Eça de Queirós com seu extraordinário romance *A ilustre Casa de Ramires*, que permanece sendo uma referência na literatura de língua portuguesa, mas que dificilmente ultrapassa suas fronteiras. Proponho neste estudo que o tratamento representacional de grande rendimento estético-literário dedicado, nessas duas obras, à experiência do projeto neocolonial na África (ou, melhor, ao horror dessa empreitada da burguesia internacional) pode ser mais bem compreendido através do aparato conceitual que o filósofo Giorgio Agamben construiu em torno da ideia de "inapreensível". Os dois romances que são objeto deste estudo se utilizam, de modo muito significativo, da estratégia estético-literária denominada *mise en abîme*, na qual uma ou várias narrativas são encaixadas dentro de uma narração originária. A análise que proponho para semelhante estratagemma artístico apresenta vários pontos de contato com o "inapreensível" agambiano. A articulação dessas duas vertentes especulativas parece resultar numa interpretação e ressignificação das obras ficcionais de grande potencial tanto do ponto de vista literário quanto do esforço de compreensão e denúncia do empreendimento colonial oitocentista.

Palavras-chave: Colonialismo. Eça de Queirós. Joseph Conrad. *A ilustre casa de Ramires*. *O coração das trevas*.

SUBMISSÃO DA MULHER E PATRIARCALISMO EM SINFONIA EM BRANCO, DE ADRIANA LISBOA

José Ivan Bernardo Andrade (UESPI)

Este trabalho analisa a obra *Sinfonia em Branco*, de Adriana Lisboa, buscando compreender a representação da memória do trauma vivido pelas personagens femininas dentro de um contexto familiar de patriarcalismo e submissão. A narrativa conta a trajetória de vida de duas irmãs, Clarice e Maria Inês. No centro dos acontecimentos está o estupro sofrido pela primeira, e testemunhado pela segunda. O evento gera um trauma nas duas irmãs, marcando suas vidas e determinando como elas se relacionariam com o mundo e com a família. Nessa narrativa, incesto, triângulo amoroso, relações homoafetivas e traições permeiam todo o texto num entrecruzamento entre o passado e o presente, um invadindo o outro, construindo-se mutuamente. Assim, a lembrança e o esquecimento confrontam-se numa arena, como faculdades opostas, travando uma guerra psicológica na vida dos personagens. Por tudo isso, o romance *Sinfonia em Branco* fornece material produtivo para se pensar a condição feminina na contemporaneidade.

Palavras-chave: Trauma. Submissão. Patriarcalismo. Memória. Esquecimento.

José Pereira de Andrade Filho (Sem vínculo com Instituição)

Este trabalho tem como objetivo discorrer sobre a obra poética de Mário Cesariny de Vasconcelos, a sua característica dentro da vertente surrealista portuguesa. Antes faremos, como forma de contextualização, uma exposição do que foi o Surrealismo, surgido na França na década de 1920, sendo inserido no contexto das vanguardas literárias que tanto abalaram as letras no início do século XX. Na década de 1930 surgem as primeiras manifestações do Surrealismo em Portugal, mas somente na década seguinte (1947) é que surgirá o Grupo Surrealista de Lisboa como forma de organizar o movimento nesse país, embora tenha durado brevemente. Cesariny fez parte desse grupo, porém pouco tempo depois se desassociou dele, e desenvolveu um trabalho denso no âmbito da poesia. É analisando de modo breve a obra de Cesariny, especificamente trechos de poemas contidos no livro de antologia poética, *Poesia* (1944-1955), retirados em *Discurso sobre a reabilitação do quotidiano* e em *Manual de prestidigitação*, e no livro *Nobilíssima visão*, que se buscará identificar o caos mencionado no título deste artigo, tão característico da poesia surrealista no que se refere à escrita automática e aos sonhos, ao processo onírico, contrapondo-se então à ordem da realidade, e também no que se refere à constante experimentação na estética das obras deste poeta. Tal trabalho será desenvolvido através de leituras de estudiosos do Surrealismo, como Franco Fortini, em sua obra *O movimento surrealista*, e Gérard Durozoi, em *O surrealismo*, além de alguns outros.

Palavras-chave: Cesariny. Surrealismo português. Caos.

FIGURAÇÕES DA MULHER E DO AMOR NA OBRA MADURA DE H. DOBAL

José Wanderson Lima Torres (UESPI)

Pretendemos investigar como o poeta H. Dobal explora na sua obra da maturidade, *Ephemera* (1995), as temáticas do amor e da mulher. Para tanto, recorreremos a uma seleção dos poemas de *Ephemera* que abordam tais temas e os analisaremos numa perspectiva temático-estilística e comparativa, recorrendo à obra anterior do poeta e à obra de poetas que influenciaram o piauiense a fim de responder à seguinte problematização: que imagem da mulher e do amor se configuram na obra madura de H. Dobal? Como base teórica, recorreremos às reflexões de Giddens (1993), Rougemont (1983) e Paz (1994).

Palavras-chave: H. Dobal. Amor. Mulher. *Ephemera*.

A LITERATURA DIANTE DO ESPELHO: UM OLHAR SOBRE OS ASPECTOS METAFICCIONAIS EM BUFO & SPALLANZANI

Joseane Mendes Ferreira (PG-UFPI)

O presente trabalho tem por finalidade discutir os aspectos metaficcionalis no romance *Bufo & Spallanzani*, de Rubem Fonseca, obra considerada pós-moderna por diversos aspectos, dentre eles pela presença da metaficção, recurso literário muito utilizado na poética da ficção atual. Este trabalho objetiva discutir a questão da autoconsciência literária, caracterizando a narrativa pós-moderna, bem como a funcionalidade do recurso metaficcional no referido romance. O estudo procederá de modo que se destaquem as características do romance, as

quais permitem a discussão sobre a metaficção, sob o olhar do personagem protagonista, Gustavo Flávio. O texto apoia-se principalmente nas contribuições de Hutcheon (1984) e (1991) e Bernardo (2007) e (2010). Com o estudo, foi possível perceber que a metaficção funciona como um convite aos leitores para uma interpretação que reconhece os artefatos literários e suas adequações a uma determinada convenção.

Palavras-chave: Poética pós-moderna. Metaficção. *Bufo & Spallanzani*.

DESVELANDO A PERDA DE ALTERIDADE EM *O HOMEM DUPLICADO*, DE JOSÉ SARAMAGO

Josi de Sousa Oliveira (UESPI)

Quando nos relacionamos com outros sujeitos, é necessário reconhecermos as diferenças e praticamos a alteridade, ou seja, a capacidade de dialogarmos e interagirmos com o outro. Neste sentido, o presente trabalho visa demonstrar, a partir de *O Homem Duplicado*, de José Saramago, como o personagem principal Tertuliano Máximo Afonso, ao assistir um filme denominado, Quem porfia mata caça se depara com o indivíduo idêntico a ele e inicia uma busca incessante. No decorrer da narrativa, existe uma reflexão constante sobre a perda de alteridade, justamente porque ambos os personagens que tem características idênticas, não se aceitam como seres independentes, pois possuem uma frágil identidade. A metodologia utilizada é de cunho bibliográfico literário e entre os referenciais teóricos que subsidiaram a pesquisa, destacamos Bakhtin (2003) e suas reflexões sobre a necessidade de reconhecermos o outro. Através da pesquisa ficou explícito que a obra de Saramago, além de descortinar questões sobre perda personalidade, nos propõe o dever de nos colocarmos como indivíduos fronteiriços entre as nossa identidade e a do outros.

Palavras-chave: Identidade. Alteridade. Fronteira.

A INSTAURAÇÃO DO ESTADO DE EXCEÇÃO NOS ENSAIOS DE JOSÉ SARAMAGO

Juçara da Silva Pinheiro (UEA)

Veronica Prudente Costa (Orientadora/UEA)

Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa de Iniciação Científica cujo tema concentra-se na análise de como se configura o Estado de exceção apresentado nos romances de José Saramago, *Ensaio sobre a Cegueira* e *Ensaio sobre a lucidez*. O projeto apresenta um olhar crítico-social sobre as diversas formas de comportamentos que uma sociedade pode apresentar diante de inusitados acontecimentos, envolvendo os conflitos que surgem de uma problemática e deficiente organização social retratadas nas narrativas. O estudo busca compreender o que é um Estado de exceção e como ele opera na vida de um cidadão comum, discutindo como as relações de poder funcionam na vida em sociedade através das obras ficcionais escolhidas. A cegueira branca, ao tornar-se uma epidemia, subjuga os habitantes da cidade a viverem isolados em um antigo manicômio, em péssimas condições de higiene e de dignidade, enfatizando o caráter escatológico da obra e a ausência de solidariedade entre os seres envolvidos. Tempos depois, a mesma sociedade acaba por despertar num momento de lucidez, quando penaliza o governo que dantes havia retirado todos os seus direitos, dando-lhe a maioria de votos em branco, recusando eleger os representantes do povo. Dessa forma, mais uma vez, o Estado de exceção é instaurado. Analisamos a simbologia do voto em branco e da

cegueira branca, entrelaçando a representação literária que faz refletir sobre questões da realidade cotidiana, como a ausência dos laços de solidariedade humana e a fragilidade da democracia.

Palavras-chave: Estado de exceção. Cegueira. Democracia.

MORTE E RENASCIMENTO OU DA LEMBRANÇA E DO ESQUECIMENTO EM SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN

Juliana de Souza Gomes Nogueira (IFBA/ UFBA)

Nos poemas “Sinto os mortos no frio das violetas” e “Em todos os jardins”, de Sophia de Mello Breyner Andresen, poeta portuguesa, o desejo de memória por parte da voz lírica sobressai das ideias de renascimento e transformação, implicadas na concepção da morte como possibilidade para a continuidade. Nessas composições, a simplicidade com que a morte é encenada advém do texto como espaço teatral de linguagem onde se amalgamam finitude e renovação. Por essa encenação, o mistério, a fragilidade da existência e a fugacidade da vida vão irrompendo enquanto partes inerentes da exuberância do viver, na medida em que o homem, ser descontínuo como discute Georges Bataille, encontra, na morte rememorada na linguagem poética, o elemento por onde sua descontinuidade, ficcionalmente, perde o sentido, uma vez que o traço escrito inscreve o “eu” no poema. Pretende-se, dessa forma, a partir das concepções de Gaston Bachelard sobre imaginação e memória, observar o modo como a memória, construída nos textos, se torna um processo criativo que encena, a partir da possibilidade de esquecimento, a permanência – ainda que transitória – do ser na linguagem.

Palavras-chave: Memória. Morte. Encenação. Sophia de Mello Breyner Andresen.

DA ALEGORIA EM JOSÉ SARAMAGO: CONSIDERAÇÕES ACERCA DA OBRA *O CONTO DA ILHA DESCONHECIDA*

Juliane de Sousa Elesbão (UFC)

Odalice de Castro e Silva (Orientadora/UFC)

O livro *O Conto da Ilha Desconhecida* (1998), de José Saramago, tem sua importância pelo fato, em especial, de o escritor metaforizar uma descoberta do ser. Por outro lado, como todo texto literário possibilita novas relações de sentido, a obra permite reflexões acerca do ato da leitura, que pode ser caracterizada, também, como uma descoberta, uma viagem realizada pelo leitor, um adentrar na realidade de um outro através de uma experiência cotidiana e pessoal. Percebe-se a possibilidade de o próprio autor ter alegorizado o ato da leitura com esse conto, já que ler significa certa viagem a uma ilha desconhecida, cujo caminho é cheio de surpresas e descobertas. Além disso, a alegoria é um processo de construção de sentido que abre possibilidades significativas muito presentes na escrita de Saramago. Assim, recorrendo a teóricos como Jean-Paul Sartre (2006), Maria Helena Martins (2006), entre outros que atentaram às questões referentes à leitura; KOTHE (1986), HANSEN (2006), para citar alguns que trataram da alegoria, pretende-se, com este trabalho, analisar a alegorização do ato da leitura manifestada pelo escritor e representada pelo narrador para, dessa forma, tentar compreender um pouco mais a busca de sentido para a escrita de ficção.

Palavras-chave: Alegoria. Ficção. Leitura.

LITERATURA PIAUIENSE: VOZES E SILÊNCIOS DA ESCRITA DE AUTORIA FEMININA

Jurema da Silva Araújo (UESPI)

Edgar Morin argumenta, apropriadamente, que “O mundo em que vivemos talvez seja um mundo de aparências, a espuma de uma realidade mais profunda que escapa ao tempo, ao espaço, a nossos sentidos e a nosso entendimento”. Essa espuma da realidade de que nos fala Morin se torna mais viscosa na medida em que pensamos a literatura não apenas como a fruição artística de um indivíduo, mas como um conjunto de imagens poéticas que estetizam a realidade aparente para fazer perceber relações de poder que escapam, à primeira vista, ao entendimento do leitor. Possivelmente muitos questionem, não sem grande espanto: Há uma literatura piauiense de autoria feminina? Sim, há. Mas por que a desconhecemos? Por que não a lemos? São a essas questões que a comunicação pretende responder, e para fazê-lo propomos uma incursão não apenas na história literária, mas na história cultural de um modo geral com o intuito de compreendermos como essas vozes foram silenciadas, embora resistam apesar de tudo. A literatura não é o arrimo da fruição estética mais pura, mas um arranjo textual que engloba vestígios do lugar social que ocupa o(a) escritor(a). A partir dessa premissa, apoiamos a discussão nos apontamentos de Pierre Bourdieu, para quem a interseção literatura e sociologia estabelece um contato profanador que os críticos literários mais tradicionais – afiliados às correntes formalista e estruturalista – tendem a rejeitar. Casos particulares, como os de Vivien Eliot, Emily Dickinson, Laure Surville e Amélia Beviláqua atestam como a crítica literária está embebida em valores que não são apenas os estéticos, mas julgamentos morais e normas sociais, pois elas sentiram intimamente a eficiência da dominação masculina no campo literário. A partir disso, propomos traçar o panorama da literatura piauiense de autoria feminina, tendo como foco as produções de Luiza Amélia de Queiroz, Amélia Beviláqua e Alvina Gameiro.

Palavras-chave: Literatura e relações de gênero. Luiza Amélia de Queiroz. Amélia Beviláqua. Alvina Gameiro.

DIÁLOGOS ENTRE LITERATURA E CULTURA

Kamila Jéssick Duarte da Costa (UFC)
Ana Marcia Alves Siqueira (Orientadora/UFC)

Este estudo tem por finalidade realizar algumas considerações sobre o conceito de cultura e como este se apresenta no meio literário. Como sabemos, não há uma definição única e concreta para o termo “cultura”, que ao longo dos séculos incorporou diversas significações; por isso, nosso estudo se delimitará a estudar as suas definições durante o século XIX e, principalmente, como este termo associou-se às obras literárias produzidas neste período. Dessa forma, em nossa análise, utilizaremos os conceitos propostos pelos escritores cearenses José Alencar e Franklin Távora, em seus projetos literários, uma vez que ambos estão inseridos no período romântico brasileiro e vivenciaram um momento de teorias imperialistas e nacionalistas, refletindo em suas obras uma preocupação em delimitar e preservar uma cultura essencialmente nacional. Assim, pretendemos discorrer sobre o conceito de cultura neste período, verificando como estes escritores se apropriaram deste termo e como isso se refletiu nas obras de ambos.

Palavras-Chave: Cultura. Literatura. Romantismo.

CÉU EM FOGO: QUANDO O NARRATIVO E O POÉTICO SE ENCONTRAM

Karine Costa Miranda (UFPI)

Mário de Sá-Carneiro, poeta português que viveu na confluência do século XIX para o XX, contribuiu para a introdução do Modernismo em Portugal, ao participar da produção da revista *Orpheu*. A manifestação literária do autor se insere no limiar da expressão dos delírios do sofrimento, da dor da alma transportada a um plano estético e da configuração de um sujeito poético em sintonia com sua dispersão subjetiva. Nesse sentido, o artista que quer ver reconhecidos os seus ideais, que usa a emoção, mas ao mesmo tempo dela se distancia, pode ser encontrado na produção carneiriana, motivado pelas vanguardas europeias. Assim, este trabalho analisa as novelas “A grande sombra”, “Asas” e “Eu-próprio o Outro”, contidas em *Céu em fogo* (1915), de Mário de Sá-Carneiro, a partir de um estudo dos aspectos que caracterizam a presença do poético nas narrativas do autor. Com base em análises estruturais de suas novelas poéticas, verifica-se a constante preocupação com os temas da arte; a presença de duplos; a inquietação do texto com reduplicação, desdobramento e ruptura da ilusão; a fragmentação do enunciado, como mais um sinal da modernidade de sua produção ficcional. A obra prosaica de Sá-Carneiro funde-se com a lírica, constituindo-se em prosa poética, logo, os estudos de Tzvetan Todorov e Massaud Moisés possibilitaram identificar os aspectos que condicionam o mecanismo de hibridização entre prosa e poesia na novelística carneiriana. Esta dissertação analisa a tessitura da prosa poética, detectando quando há lirismo na prosa e atestando as características que configuram a fusão do enredo e da poesia, seja pela musicalidade ou pela divisão do texto em segmentos que chegam a recordar a cadência do verso.

Palavras-chave: Hibridização de gêneros. Prosa poética. *Céu em fogo*.

CECÍLIA MEIRELES E A CRÔNICA DE VIAGEM: PEREGRINAÇÃO EM FÁTIMA

Karla Renata Mendes (UFPR)

Cecília Meireles destaca-se no cenário da literatura brasileira como um de nossos poetas mais "universais". Um dos países que acolheu sua obra foi Portugal, lugar com o qual a autora sempre manteve uma proximidade, reforçada ainda mais pelas suas origens portuguesas. Muitos críticos julgam que a poesia de Cecília foi reconhecida e admirada em terras portuguesas antes mesmo do pleno reconhecimento no Brasil. Da mesma forma, a autora tinha grande interesse pela poesia produzida em Portugal, sendo provavelmente uma das primeiras admiradoras brasileiras de Fernando Pessoa. E atuando na divulgação da poesia portuguesa, chegou a conceber a antologia *Poetas novos de Portugal*. Resultado também desses "trânsitos" literários e familiares são algumas viagens realizadas pela autora até Portugal. Viagens essas que renderam crônicas em que se descrevem muito mais do que seus passeios e visitas, mas se constrói um verdadeiro relato sentimental de sua ligação com o país. Dentro dessa perspectiva, espera-se avaliar uma dessas crônicas, intitulada "O miraculado", que não se detém sobre a tão admirada Lisboa ceciliana, como a maior parte dos outros textos, mas volta-se para o pequeno vilarejo de Fátima. A cidade portuguesa, situada no centro do país, é local de peregrinação católica e famosa pela história dos três jovens - Jacinta, Francisco e Lúcia -

que teriam presenciado, no ano de 1917, seis aparições de Nossa Senhora. Publicada em 1957, no Diário de Notícias, o texto "O miraculado" foge à função de ser um roteiro turístico para fiéis ou curiosos, assim como não critica ou louva crenças e posturas religiosas. Contemplando os enigmas que envolvem a fé humana, a viagem para Fátima é o ponto de partida de uma reflexão mais profunda acerca da espiritualidade.

Palavras-chave: Cecília Meireles. Crônica de viagem. Fátima.

REFLEXÕES SOBRE A CATEGORIA DO ESPAÇO EM *FOGO VERDE*, DE PERMÍNIO ASFORA

Kelly Cristina Araújo Feitosa (UESPI)

Sabe-se que o lugar dos acontecimentos de uma narrativa é o espaço. Ele tem como função principal situar as ações das personagens. Mas ao falar de espaço não nos referimos unicamente ao local onde a ação pode acontecer, mas sim a uma diversidade de espaços como o espaço físico, espaço social e cultural e espaço psicológico. Sabe-se também que não há possibilidade de separar o tempo do espaço dentro da narrativa e que em algumas narrativas há predominância de um desses elementos, porém um depende do outro. Com isso, o presente trabalho busca fazer algumas reflexões à respeito da categoria do espaço geográfico na narrativa *Fogo Verde*, de Permínio Asfora. A proposta desta reflexão é discutir e descobrir os elementos convergentes entre o espaço geográfico e a literatura, e de que forma esses elementos servirão como um suporte para o desenvolvimento do enredo. Como sustentação teórica para a discussão será utilizada a teoria Santos (2008), que definiu o espaço como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistema de ações, Muir (1975), que trata da relação entre tempo e espaço, e Dimas (1975) para tratar do papel do espaço dentro da narrativa literária.

Palavras-chave: Ficção. Literatura. Espaço. *Fogo Verde*. Permínio Asfora.

O DEBATE SOBRE A ESCRAVIDÃO EM *ÓDIO DE RAÇA*, DE FRANCISCO GOMES DE AMORIM

Kyssia Nunes de Oliveira (UEA)
Veronica Prudente Costa (Orientadora/UEA)

Este trabalho apresenta resultados parciais de uma pesquisa de Iniciação Científica cujo estudo propõe analisar as relações entre a literatura e a história na peça teatral *Ódio de Raça*, de Francisco Gomes de Amorim (1827-1891). O escritor português veio de Portugal com apenas dez anos de idade e viveu na região amazônica até os dezenove anos. Gomes de Amorim é mais conhecido no meio literário como grande amigo e biógrafo do escritor português Almeida Garrett, porém possui várias obras que retratam a realidade amazônica e abordam fatos históricos que ocorreram antes e durante o século XIX. A importância do presente estudo justifica-se no sentido de investigar e discutir como o enredo da peça teatral revela os povos que foram agentes participativos da construção de uma história da Amazônia. O enredo teatral traz à reflexão o passado colonial da Amazônia e denuncia a escravidão e a política colonial da época. Com a vinda dos portugueses para o Grão-Pará, muitos negros foram escravizados e maltratados por seus senhores, que por sua vez vendiam seus próprios filhos com as negras como escravos e, em outras situações, esses filhos ficavam sob o

domínio de seus “pais”, convivendo com os seus irmãos brancos, e no futuro poderiam ser vendidos no mercado de escravos.

Palavras-chave: Colonialismo. Escravidão. Amazônia.

DA FOUCE AOS DEDOS DE VELUDO NO LIRISMO ENCANTADO DA MORTE

Lilásia de Arêa Leão Reinaldo (UFPB)

A temática da morte sempre foi privilegiada na literatura, quase sempre lado a lado com os temas ditos mais elevados em matéria de poesia, tais como amor, paixão e dor. Mas, o que é a morte? O tema pertence ao interesse das religiões, das ciências físicas e biológicas, das ciências sociais, e é recorrentemente representado pela literatura e pelas outras artes, mas também investigado pela história, antropologia, filosofia, enfim, todas as vertentes das artes e do conhecimento das sociedades humanas. Em todas essas áreas, estudiosos dedicaram-se e fizeram importantes contribuições. No universo da literatura Ocidental, viu-se que o tema tem sido privilegiado desde a antiguidade pré cristã. Assim, este artigo resultou das primeiras investigações analíticas empreendidas que precederam à escrita da tese de doutorado “As figuras líricas da morte na poesia de H. Dobal”. Naquele primeiro momento, com o objetivo de conhecer o percurso das elaborações poéticas desse tema na literatura do Ocidente e avaliar seus perfis, identificaram-se algumas representações dessa categoria temática na poesia dos portugueses. Dada a relevância dessas configurações, faz-se neste artigo uma amostragem dessas análises como forma de documentar este recorte analítico promovido a partir da obra literária de alguns dos poetas lusitanos. Como referencial teórico de compreensão do tema da morte, tal como no decorrer de todos os estudos para a tese, adotamos os estudos históricos, sociológicos e antropológicos de Phillipe Ariès *A história da morte no Ocidente* (1975) e Edgar Morin *O homem e a morte*, (1951). Como instrumental de análise das expressões poéticas, adotamos os conceitos da crítica sociológica de Antonio Cândido em *Literatura e sociedade* (1965), além de ideias de Walter Benjamin e Theodor Adorno, bem como as concepções de poesia lírica de Emil Staiger, Octavio Paz, Mikel Dufrenne, T.S. Eliot dentre outros. Para o recorte das figuras da morte na literatura poética dos portugueses, escolhemos versos de Manuel Maria Du Bocage, Mário de Sá Carneiro, Fernando Pessoa e Florbela Espanca.

Palavras-chave: Poesia. Figurações. Morte. Literatura portuguesa.

REFLEXOS DO EXISTENCIALISMO EM CAMILO PESSANHA

Lívia Guimarães da Silva (UFPI)

Camilo Pessanha é um importante representante do simbolismo português. Em 1920, publicou *Clepsidra* (1989), obra de grande relevância para a vanguarda literária portuguesa. *Clepsidra* (1989) abrange várias possibilidades de abordagem, seja através do efeito musical, ao envolver o leitor em um clima sugestivo por meio de imagens multívocas, seja por meio da abordagem do tempo, quando entende-o como fugidio, ou ainda quando aborda a dor existencial, associando-a à morte. Visto que essa temática da dor é percebida de forma marcante na poesia de Camilo Pessanha, este trabalho propôs analisá-la, tendo como enfoque seu aspecto existencial. Para isso, utiliza-se os poemas “Caminho” e “Branco e Vermelho”. Observou-se certa universalização da mesma, que deixa de ser uma dor individual e passa a ser uma dor representativa da condição humana. Nos poemas analisados, é possível observar o

mistério, a sugestão, a evocação da dor e da morte, percebidas como um refúgio da angústia de existir.

Palavras-chave: Dor. Poema. Existência.

TECENDO SIGNIFICADOS: A CONFIGURAÇÃO NARRATIVA EM A MAIOR FLOR DO MUNDO DE JOSÉ SARAMAGO

Lívia Maria Rosa Soares (UFPI/UESPI)

Nos últimos anos, muitos escritores lançaram-se à produção de obras infantis. Um dos mais renomados deles, José Saramago, publicou em 2001 a obra *A maior flor do mundo*. Nela, o autor propõe uma reflexão sobre o processo de construção dos livros infantis, desmitificando a ideia que por serem produções voltadas para um público aparentemente menos exigente, essas histórias não precisam ter compromisso com o viés artístico ou estético, servindo somente para repassar padrões ou valores socialmente aceitos. Por isso, neste trabalho, apresentaremos análises em relação às imagens e sentidos construídos pelas ilustrações, associadas a uma linguagem permeada de significados, assim também a representação de ritos de passagem, recurso muito comum nas obras infantis de várias épocas. Em *A maior flor do mundo*, Saramago apresenta uma personagem, que ainda criança, vive em meio a um mundo marcado pelo caos, e consegue encontrar soluções para dilemas de difícil resolução. Essas configurações permitem reflexões e diálogos com os dilemas da modernidade, pois coloca a criança em destaque enquanto personagem principal, revelando aspectos éticos e estéticos próprios. Destaca-se ainda a construção do narrador saramaguiano que, assim como nas obras adultas, concentra em si a fábula narrada e dá-lhe direcionamento e sentido. A partir dessas considerações, apresentaremos um fio interpretativo desta obra, para tanto, fundamentaremos esta análise a partir de teorias que permitem novos olhares para a literatura infantil, principalmente as considerações desenvolvidas por Nelly Novaes Coelho (2003), Sônia Salomão Khéde (1986), Peter Hunt (2010), Lúcia Pimentel Góes (2000), Regina Zilbermann (2003), entre outros.

Palavras-chaves: Literatura infantil. Ilustração. Modernidade. José Saramago.

CARTOGRAFIAS LITERÁRIAS URBANAS EM EÇA DE QUEIROZ

Luciana Nascimento (UFAC/UFRJ)

Literatura e História partilham de experiências e territórios comuns, pois ambos os campos de conhecimento constituem narrativas que apresentam uma versão dos fatos, tendo como referência o real. Segundo Pesavento (2003), os discursos histórico e literário aproximam-se na medida em que são entendidos como "modalidades de um exercício imaginário de reconstrução do mundo" (p.32) e distanciam-se quanto aos "compromissos de cada narrativa com a realidade" (p.33). Nesse sentido, enquanto a História pretende ocupar o lugar do próprio passado, recriando as formas de representar o mundo de outrem numa determinada época, a Literatura, embora possa ser utilizada como fonte histórica, nos diz àquilo que poderia ter acontecido. As relações entre Literatura e cidade desenvolveram-se em fins do século XIX, com o processo de urbanização iniciado na Europa, que logo foi absorvido como modelo por outras nações. Esse fenômeno, captado pelos discursos político e artístico, confere à cidade o status de locus do mundo contemporâneo. Dessa forma, as cidades são imortalizadas pela pena dos escritores: Charles Baudelaire escreve a Paris do século XIX;

Londres é tematizada por Dickens; Buenos Aires por Borges; o Rio de Janeiro é encenado na literatura de Machado de Assis, João do Rio, Lima Barreto e a cidade de Lisboa se inscreve na ficção de Eça de Queirós. Neste trabalho, pretende-se tecer algumas considerações acerca das representações da cidade na obra de Eça de Queiroz, buscando-se evidenciar os espaços da urbe como marcas da memória e da cultura.

RELAÇÕES DE GÊNERO E EMPODERAMENTO DA MULHER NA OBRA *NIKETCHE*

Luciene do Rêgo da Silva (UFPI)
Alcione Corrêa Alves (Orientador/UFPI)

Este estudo tem como objetivo analisar as relações de gênero e empoderamento da mulher na obra *Nikette*: uma História de Poligamia (2004; cap. 33-40), da escritora moçambicana Paulina Chiziane. Toma-se como aporte teórico o livro *Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness and the Politics of Empowerment*, de Patricia Hill Collins (1990), no qual justifica-se a necessidade do empoderamento feminino: “Afrocentric feminist thought speaks to the importance that knowledge plays in empowering oppressed people”. Parte-se do pressuposto de que o conceito de interseccionalidade, enquanto cruzamento entre gênero, classe e raça, é relevante para uma abordagem de gênero na referida obra de Chiziane. Sugere-se, portanto, ao longo da análise proposta, uma abordagem interseccional das relações de gênero e empoderamento em *Nikette*. Esta pesquisa tem sido elaborada no âmbito do Projeto Cadastrado de Pesquisa Teseu, o labirinto e seu nome, desenvolvido na Universidade Federal do Piauí.

Palavras-chave: Relações de gênero. Empoderamento. Interseccionalidade.

A SIMBOLOGIA DA ÓPERA NAS OBRAS MADAME BOVARY E DOM CASMURRO

Luziane de Sousa Feitosa (UESPI)

A ópera caracteriza-se como espetáculo que prescinde de várias artes para sua composição, peculiaridade perceptível por meio de seus elementos constitutivos: a literatura, base do libreto da obra e a música, através de sua partitura. Nesse sentido, interessa analisar como se dá a relação entre literatura e música, observando, em especial, o espaço destinado a ópera em duas obras escritas no século XIX - *Madame Bovary* (1857) de Gustave Flaubert e *Dom Casmurro* (1899) de Machado de Assis - período de apogeu do espetáculo operístico e quando passou a ser tema recorrente em diferentes produções literárias. Acredita-se que o fato de ambos os escritores trazerem a ópera para o enredo de seus romances não está associado a um simples modismo, parte-se do pressuposto de que a ópera pode ser relacionada à vida de Emma Bovary e Bentinho, personagens que ao vivenciar as tensões do cotidiano tornam evidentes o conflito entre a imaginação e o real. A fim de contemplar a proposta desse trabalho serão referências os estudiosos Solange Ribeiro de Oliveira (2002), Antonio Blundi (2005) e Gilles de Van (2000), devido suas constatações relativas à literatura, música e a ópera.

Palavras-chave: Ópera. *Madame Bovary*. *Dom Casmurro*. Gustave Flaubert. Machado de Assis.

UM EXAME SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE HISTÓRIA E FICÇÃO EM *HISTÓRIA DO CERCO DE LISBOA*, DE JOSÉ SARAMAGO

Manfred Rommel Pontes Viana Mourão (UFPI)
Saulo Cunha de Serpa Brandão (Orientador/UFPI)

As relações entre história e ficção sempre foram comuns na literatura, devido a incrível proximidade que ambos os discursos possuem. Aqui, apresentaremos uma análise dessas relações a partir da visão do filósofo francês Paul Ricoeur (1994), que em sua obra *Tempo e Narrativa* elabora o conceito de *mimesis* sob uma perspectiva tripartite: pré-figuração, configuração e re-figuração. Assim, nosso esboço sobre o pensamento do supracitado filósofo será ressaltado a partir de uma análise hermenêutica do romance *História do Cerco de Lisboa*, do escritor português José Saramago. Neste romance, podemos identificar não apenas uma articulação dos discursos ficcionais e não ficcionais, mas uma atitude crítica ao modelo da escrita de ambos os discursos, através de um exame meta-histórico, como o feito por Hayden White (2008); e outro metaficcional, como o feito por Linda Hutcheon (2005). Portanto, elucidamos o caráter questionador deste romance, como efeito de uma visão “autoconsciente” da obra saramaguiana, sobretudo pela retórica da escrita do português, em que, constantemente, percebemos os artifícios históricos e ficcionais entrecruzados. Como complemento de nossa carga bibliográfica, acrescentamos ainda os estudos de Luiz Costa Lima (2006) e Richard Walsh (2007), autores que consideramos relevantes para a resolução do problema da ficcionalidade.

Palavras-chave: História. Ficção. *História do Cerco de Lisboa*.

“O MAPA” “[D]AQUELE TEMPO”: (DES)CAMINHOS DA MEMÓRIA NAS POESIAS DE MAYRANT GALLO E GONÇALO M. TAVARES

Marcela Rodrigues Soares (IFBA/UFBA)

O presente trabalho visa apresentar a relação entre alegoria e memória através do estudo comparado das poesias “Aquele tempo”, de Mayrant Gallo, escritor brasileiro, e “O mapa”, de Gonçalo M. Tavares, escritor português. Levando-se em consideração que a memória traz em si uma história, e que esta é, também, uma construção alegórica, a leitura dos referidos poemas evidencia o afastamento nostálgico e inapreensível do passado, que reforça o reconhecimento da descontinuidade e da dissociação do tempo, levando à constatação da perda. Essa noção de perda da capacidade de dominar o tempo histórico leva os poetas a reconstruírem alegoricamente suas ruínas e registrá-las em memórias poéticas. Para dialogar com os poemas, serão utilizados o conceito de memória discutido por Ulpiano Meneses e Andreas Huyssen, e a ideia de Walter Benjamin a respeito da alegoria. As ruínas expõem o outro lado da história e reforçam o caráter alegórico da memória, cujos sentidos e caminhos também serão ruídos, esgarçados, como mapas perdidos pelo tempo.

Palavras-chave: Memória. Alegoria. Poesia. Mayrant Gallo. Gonçalo M. Tavares.

ÁLVARO DE CAMPOS E A EXPERIÊNCIA DA MODERNIDADE

Marcelo Brito da Silva (IFMT)

Neste artigo analisamos o modo como Álvaro de Campos percebe e traduz em linguagem poética a experiência da modernidade no contexto da sua vivência na cidade do início do século XX. No primeiro momento, apontamos as transformações trazidas pelo advento da modernidade, bem como os traços principais que a lírica assume diante dessa nova realidade, ressaltando que a poesia moderna nasce no interior da cidade em resposta aos novos tempos marcados pelo progresso técnico-científico, pelo crescimento das massas urbanas, pela velocidade, pela reificação do mundo, pelo anonimato e solidão das pessoas. Diante desse novo tempo, a poesia sofre transformações profundas e passa a abordar temas antes inimagináveis. No segundo momento do estudo, após breve explanação sobre a obra pessoana, com destaque para o fenômeno heteronímico, propomos uma análise de *Ode Triunfal*, em diálogo com a fortuna crítica. O poema foi publicado no primeiro número da revista *Orpheu*, em 1915, e representou o que havia de efetivamente moderno na revista. Começando pelo título, o poema constitui um canto que celebra o triunfo da máquina e o progresso da civilização moderna, e dá vazão à necessidade de traduzir a nova realidade e de flagrar a sua ainda desconhecida dimensão poética.

Palavras-chave: Álvaro de Campos. Modernidade. Poesia. *Ode Triunfal*.

O DESEJO DO ETERNO EM PASSOS DA CRUZ

Maria da Glória Ferreira de Sousa (UFC)
Edilene Ribeiro Batista (Orientadora/UFC)

Tendo produzido uma obra heterônima que chama a atenção pelas suas múltiplas visões do espírito humano, Fernando Pessoa é dono de uma obra ortônima também extremamente densa, tal é o caso de *Passos da Cruz*, no qual se percebe um intenso desejo do eu-lírico de que sua poesia permaneça na eternidade. Tomando como base essa obra, formada de quatorze sonetos claramente alusivos as quatorze estações da via sacra vivida por Jesus, este trabalho tem por finalidade esclarecer acerca dessas aspirações de imortalidade pretendida pelo eu-lírico, imortalidade essa a ser conquistada através dos mais variados artifícios e, muitas vezes, lamentada por não se configurar nitidamente à frente daquele que a almeja. O percurso do poeta é, no mais das vezes, sofrido, angustiado diante da impossibilidade de se fazer grande. A presente análise nos confronta com essa caminhada que vacila entre momentos de glória e de ruína, com a inquietação característica de vários poemas pessoanos, com a genialidade desse poeta múltiplo, que é capaz de nos fazer repensar a nossa própria trajetória enquanto seres finidos, ordinários perante a imortalidade do tempo.

Palavras-chave: Passos da Cruz. Angústia. Eternidade.

CARROSSEL FANTASMA, DE DA COSTA E SILVA: GIROS ENTRE MEMÓRIA E CULTURA

Maria Daíse de Oliveira Cardoso (UESPI)

Os resíduos do passado quando retrabalhados poeticamente, assumem uma particularidade inerente de um discurso memorialístico. O poema em análise, “Carrossel Fantasma”, representa uma escrita mais livre onde o sujeito lírico busca reter o tempo passado por intermédio dos registros escritos, evocando o comportamento e os costumes de um tempo já vivido. Os registros encontrados nos versos do referido poema, ao tempo que apresentam as reminiscências do eu lírico, elaboram um jogo entre a memória e a cultura, que quando modelizada pode ser traduzida por intermédio de outras artes, principalmente pela literatura. Esses aspectos são perceptíveis não somente pelo encadeamento – relação semântica – das palavras, mas pela própria estrutura do poema, a exemplo da construção do ritmo poético, fato que nos auxilia na compreensão do intercâmbio entre memória e poesia. Compreender a relação entre palavra e sentido, cultura e memória, é assimilar essa convergência possível, dependente e interpretativa. Uma linguagem natural, retrabalhada em forma de texto cultural, em forma de texto literário que exige um rigor organizacional – no caso do poema, de forma. Nesse sentido, no poema em análise – “Carrossel Fantasma”, de Da Costa e Silva, pretende-se planejar um estudo à luz da semiótica da cultura, buscando compreender a relação existente entre as memórias narradas, por intermédios dos versos, e a cultura, ali representada. Diante desse contexto, seguiremos o percurso metodológico de análise baseado nos pressupostos teóricos de estudiosos como Maurice Halbwachs (1990), Le Goff (2012), Lotman (1979), Jerusa Ferreira (2003), Alfredo Bosi (2000), Antonio Candido (2006), Octávio Paz (2012).

Palavras-chave: Memória. Cultura. Escrita Poética.

A PRIMEIRA CRÍTICA DE BENEDITO NUNES SOBRE FERNANDO PESSOA

Maria de Fatima do Nascimento (UFPA)

O dorso do tigre (1969) é o segundo livro de Benedito Nunes em que ele analisa obras de ficção. Tal publicação é constituída de duas partes, sendo a primeira de estudos filosóficos e a segunda de crítica literária. Entre os ensaios sobre poesia, constam quatro sobre Fernando Pessoa, a saber: “Os outros de Fernando Pessoa”, “Paradoxo e verdade” (12/11/1966), “O ocultismo na poesia de Fernando Pessoa” (22/10/1966) e “A prosa de Fernando Pessoa” (1º/10/1966), que, com exceção do primeiro, já haviam sido estampados no Suplemento Literário do jornal O Estado de São Paulo, a partir de 1966, conforme as datas citadas. Constata-se que Nunes vinha estudando a poesia do bardo português desde a década de 1940, pois em pesquisas feitas no “Arte Suplemento Literatura” do jornal Folha do Norte de Belém (PA), que circulou de 5 de maio de 1946 a 14 de janeiro de 1951, Pessoa, ao lado de Rainer Maria Rilke, foi um dos poetas mais divulgados ali. Inclusive, na Revista Encontro (1948), coordenada por Nunes na capital do Pará, há uma pequena coletânea de poemas do vate lusitano, organizada por Francisco Paulo Mendes, demonstrando que Pessoa era lido pela Geração Moderna do Pará de 1946, Geração essa da qual Nunes fazia parte. Assim sendo, a presente comunicação tem por objetivo apresentar alguns aspectos do ensaio de Benedito Nunes “A prosa de Fernando Pessoa”, primeiro artigo de Nunes a ser publicado no Suplemento Literário do jornal O Estado de São Paulo, em 1º/10/1966, acerca da obra do literato português. Esse poeta, de acordo com Nunes, no livro Poetas Modernos do Brasil – 1, dedicado ao vate pernambucano João Cabral de Melo Neto, foi muito importante aqui no Brasil para a “Geração de 45”. Isto porque, segundo o crítico paraense (1971, p. 26-27), a partir de 1942, quando começa a vir a lume a vasta obra póstuma pessoana, seu autor revela para a “Geração de 45” do Brasil tanto o lirismo moderno da arte verbal lusa, quanto um

procedimento de criação literária que troca a lei da franqueza biográfica pela lei da franqueza estética.

Palavras-chave: Benedito Nunes. *O dorso do tigre*. Fernando Pessoa. Crítica Literária. Periódicos.

AS MIL E UMA VOZES EM MEMORIAL DO CONVENTO

Maria de Pompéia Duarte Santana e Souza (UCSAL)

Esta comunicação se propõe a analisar alguns aspectos do romance *Memorial do Convento* de José Saramago como sejam: o fascínio do autor pelo mundo místico e mágico transformando sua obra numa obra fantástica; mostrar ainda sua relação luso-brasileira através do seu personagem o padre Bartolomeu Lourenço inspirado no padre brasileiro Bartolomeu Lourenço de Gusmão nascido na Vila de Santos em 1685 e falecido na Espanha em 1724 e que teria construído uma aeronave a base de ar quente, o aeróstato denominado de Passarola que seria o precursor do balão. O seu personagem sofre as mesmas perseguições que o personagem real brasileiro. Saramago lembra ainda o dramaturgo brasileiro Antonio José da Silva “o Judeu” perseguido e morto pela Inquisição o qual aparece sendo queimado junto com Baltazar no final do romance. Mostrar ainda como Saramago dialoga com os mitos cristãos e pagãos, desconstruindo-os, absorvendo-os e os transformando, criando assim o seu pensamento. A numerologia é outro fator importante no romance. É através da combinação dos números que o texto se desenvolve. Finalmente identificar no texto a importância do amor, da ciência e da arte e sobretudo do sonho para se conquistar a liberdade.

Palavras-chave: Sonho. Amor. Liberdade

ÍNDICES DE IMAGINÁRIO E MEMÓRIA LUSITANAS EM NARRATIVAS AMAZÔNICAS

Maria do Socorro Simões (UFPA)

O projeto IFNOPAP (O imaginário nas formas nas narrativas orais populares na Amazônia paraense) constitui, com um acervo de mais de 5.300 narrativas, um dos mais caros patrimônios imateriais da Amazônia, uma vez que nele se encontram referências ao homem amazônida em suas manifestações mais ricas e diferenciadas, que atendem desde o seu particular imaginário até a sua sobrevivência, “entre o Rio e a Floresta”, deste espaço indescritível. Destaque-se, ainda, que memória e imaginário referenciados, neste acervo, têm ressonância indissociável da nossa formação lusíada.

Palavras-chave: Amazônia. Narrativa. Imaginário. Memória.

DO LIRISMO COMO ALIMENTO NAS CRÔNICAS DE LOBO ANTUNES

Maria Elvira Brito Campos (UFPI)

Este ensaio faz parte de um estudo que desenvolvo sobre o lirismo como elemento integrante nas crônicas de António Lobo Antunes. Sobre esse contexto, nos centramos nos estudos da pesquisadora Maria Alzira Seixo, em seu *Dicionário da Obra de António Lobo Antunes*, María Luisa Blanco (*Conversas com António Lobo Antunes*, 2002) e filósofos, como Bergson e Deleuze, com o objetivo de investigar a retenção da memória em suspensão, recoberta pelo lirismo que dá o tom subjetivo e intimista das crônicas. Pontuadas as confluências entre o tempo e o lirismo, vemos nas crônicas antuniana referências autobiográficas, situações criadas a partir de uma motivação aparentemente exógena, e que quase sempre evocam a sensação de nostalgia. Com intuito de compreender como se dá esse processo de construção memorialística, lembramos que para o filósofo Bergson, tempo é duração. Para melhor fundamentarmos essa provocação, recolhemos alguns exemplos que nos permitem observar como Lobo Antunes faz a junção do tempo-duração com a imagem poética.

Palavras-chave: Lobo Antunes. Tempo. Lirismo.

A PRESENÇA FEMININA NO REGIONALISMO NA OBRA *COIVARA DA MEMÓRIA*, DE FRANCISCO DANTAS

Maria Santana da Conceição Miranda Filha (UESPI)

O presente trabalho analisa a presença feminina no regionalismo na obra *Coivara da Memória* (1991) de Francisco José Costa Dantas. O estudo aborda as relações entre a trajetória e os conflitos vivenciados pelas personagens femininas e contexto onde estão inseridas, enfatizando a mudança de comportamento das mulheres e o entrelaçamento entre Memória, Regionalismo na narrativa. O trabalho destaca a reinvenção de valores fator determinante para decadência da sociedade patriarcalista, onde a mulher tinha um posicionamento privativo como forma de valorização social, que se consolidava como forma de sacramento os valores e costumes. A pesquisa tem como base teórica Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2003), que se fundamenta essa análise com o livro *Nordestino: uma invenção do falo- Uma história do gênero masculino* (Nordeste 1920/40), onde se enfatiza a questão histórica do domínio masculino e a invenção de gênero, destacando o conflito posicionado na quebra de hierarquia masculina e a configuração da virilidade feminina, apontando ainda o declínio do patriarcalismo e o nivelamento de “gêneros”, além desse norteador também foram utilizados outros referenciais bibliográficos. As personagens tia Justina, a Avó e Luciana, estão inseridas nesse cenário do engajamento social, onde a imagem feminina aparece sobre o silenciamento e a voz masculina, enquadrada nas reminiscências do narrador-personagem. Percebe-se que a reinvenção de valores feminina dentro da obra é um processo que quebra o tabu de “mulher” como objeto doméstico e sexo frágil, herança de uma sociedade “tradicionalista”, onde o comportamento feminino era visibilizado sobre a submissão do homem, num contexto que enfatiza a relação da decadência familiar e a reinvenção feminina.

Palavras-chave: Reinvenção. Feminina. Patriarcalismo. Regionalismo. Coivara da memória.

A ESCRITA DE MARIA TERESA HORTA: UMA ESTRATÉGIA DE INSUBORDINAÇÃO

Maria Suely de Oliveira Lopes (UESPI)

Maria Teresa Horta é uma escritora portuguesa, que, após seguir carreira jornalística, iniciou a publicação de poesias com a obra *Espelho Inicial* (1960), numa obra marcada pela escrita

intensa e plena de insubordinação apontada pela sensualidade. Sua poesia conota uma ofensa por meio de texto no qual a mulher se coloca, na relação sexual, senhora de si, buscando a independência, abrindo mão do sussurro, e optando pela voz, denunciando a assimetria da construção das relações de gênero. Pelo exposto, o trabalho investiga a escrita de Maria Teresa Horta levando em conta o caráter de insubordinação presente na linguagem aludindo imagens diversas (ligadas a temática erótica) que povoam seus poemas. Algumas das imagens dão voz ao prazer feminino, mas parecem propor uma relação sexual na qual a figura feminina é quem conduz o ato, indicando, e muitas vezes em tom imperativo, ordenando de que maneira ele deve acontecer, em favor de obedecer aos seus desejos sexuais e atingir o prazer. Para a leitura investigativa utilizaremos os poemas *Fulgor* contido em *Só amor* (1992), *Segredo* da obra *Minha Senhora de Mim* (2001) e *Poema de Insubordinação* incluído em *Tatuagem* (1961), do Grupo Poesia 61. O referido estudo, metodologicamente, apresenta dois momentos: no primeiro fazemos uma apresentação da poetisa e de suas produções considerando o momento histórico de criação; no segundo propomos uma análise dos poemas mencionados anteriormente, destacando a temática em questão. Utilizamos como fundamentação teórica: Bataille (2004), Chevalier (1994) Duarte (2003), Showalter (1994), Zolin (2005), Josef (1989), Hollanda (1994), entre outros.

Palavras-chave: Maria Teresa Horta. Escrita. Insubordinação.

PORTUGAL E OS MODERNISTAS NAS TRILHAS DA CORRESPONDÊNCIA DE RONALD DE CARVALHO

Mirhiane Mendes de Abreu (Unifesp)

O conjunto epistolográfico de escritores modernistas deixa perceber o objetivo claro de divulgar e discutir a literatura brasileira. No caso específico de Ronald de Carvalho, que colaborou com as revistas *Orpheu* e *Terra de Sol* (para nos restringirmos a dois exemplos expressivos), a leitura de suas cartas permite rastrear, interpretando, os pressupostos críticos e culturais que sua geração trilhou com Portugal, seja este país como tema, seja como imprescindível interlocutor para se erigir a modernização cultural do Brasil. Diante destas observações, esta comunicação pretende apresentar e debater os dilemas da intelectualidade brasileira durante as primeiras décadas do século XX, entendendo que o exame da correspondência de Ronald de Carvalho configura-se como espaço onde se explicitam os problemas emblemáticos do homem e da sua época. Vistas pelo ângulo temático, seu conjunto epistolar codifica os mecanismos de relação social e as estratégias de elaboração que atravessaram a conjuntura daqueles anos. Para o espaço da sua epistolografia, convergem personagens (como Antonio Ferro), situações (problemas editoriais, posições intelectuais divergentes), recepções críticas (como a obra de Fernando Pessoa), confrontos e divergências teóricas e sobre vanguardas. Lida em seu contexto, a correspondência de Ronald de Carvalho, em amigável tom de conversa, enuncia e identifica o cenário intelectual dos anos 20, porque tanto marca a urdidura da instauração do modernismo, descrevendo as figurações do ambiente literário daquele contexto, quanto elucida os mecanismos intelectuais para esse fim, problemas que evidenciam o lugar de Portugal e os mais diversos sentidos atribuídos ao próprio ato de escrever cartas.

A AUTONOMIA FEMININA NA OBRA *A FILHA DO MEIO QUILO*, DE ASSIS BRASIL

Natália Eugênia Almeida de Sousa (UESPI)
 Herasmo Braga de Oliveira Brito (Orientador/UESPI)

O presente trabalho tem como ensejo abordar as personagens femininas da obra *A filha do Meio Quilo* (2008) do escritor piauiense Assis Brasil sob a ótica da autonomia feminina. O estudo propõem uma discussão acerca da questão social atrelada a literatura regionalista e o papel desempenhado pela mulher dentro do sistema patriarcalista. Para realização da análise, utilizaremos como base teórica os autores Lígia Chiappini (1995), Antônio Candido (2000/2005), Bosi (1994) e Lukács (2011). A exegese terá como corpus as personagens femininas Cota e Lucília sob a ótica da autonomia ou subserviente de acordo com as situações que lhes são apresentadas. Na narrativa observamos em Cota a presença de uma significativa autonomia perante a sociedade parnaibana no século XX. Desafiando por vezes a ordem social e historicamente imposta. Ela consegue enfrentar toda a sociedade, usos e costumes e manter-se autônoma ao longo de toda a narrativa. Enquanto que Lucília adquire certa autonomia, mas abdica dela para aceitar os rótulos e o comportamento que a sociedade lhe impõe. Pretendemos, portanto, analisar as personagens Cota e Lucília sob a égide de presença ou ausência da autonomia feminina dentro de uma obra neorregionalista.

Palavras-chave: Autonomia feminina. Neorregionalismo. Patriarcalimo.

LITERATURA, RESILIÊNCIA E ENGAJAMENTO EM MAINA MENDES

Olivânia Maria Lima Rocha (UFPI)
 Nátali Conceição Lima Rocha (UESPI)
 Rychelly Lopes dos Santos (UFPI)

A experiência é algo muito presente na obra de um autor engajado, pois a temática que aborda em seus escritos decorrem do campo social, onde suas práticas e discursos decorrem livremente de seus pensamentos. Ele visa alcançar e tocar com sua voz os seus leitores e que esses também tomem consciências de seu papel social. Nesse sentido o presente trabalho tem como objetivos: identificar como o autor engajado utiliza-se da sua escrita como fala polemizadora; compreender como os escritos de autoria feminina refletem na trajetória literária da escritora; por último analisar a expressão da identidade em relação à liberdade das mulheres em meados do século XX na obra *Maina Mendes* (1977) de Maria Velho da Costa, livro sobre qual nos debruçamos. Em *Maina Mendes* é observado que a personagem título da obra adquiri sentido em contraponto a outras personagem femininas que estão emersas em uma sociedade burguesa; na qual o lugar da mulher medido é a submissão e o casar é ‘torna-se dona’ é ser livre. Nesse escrito a expressão da identidade em relação à “liberdade” das mulheres apresentam-se como forma de acabar limar com prática e discursos masculinos, impregnados de um retrocesso para sua época, 1969 um ano me que grandes acontecimentos insurgem e é nesse momento que o grito das mulheres será retumbante. Tem-se como referencial teórico Mikael Bakhtin (1997), Cecil Zinani (2006), Alberto Caldas (2005), Walter Benjamim (1987), Michel Foucault (1999), Michel Certeau (1999), Pierre Bourdieu (2009). Em consideração inicial tem-se que através de artifícios estéticos e abordagem de temáticas polemizadoras a autora se inscreve na história da literatura através de seus livros que são frutos de seu engajamento; em seus escritos que primam pela polifonia, desnuda-se uma mescla de discussões históricas que demonstram a indignação com situação política e da condição social da mulher.

Palavras-chave: Resiliência. Margens. Voz. Engajamento. Literatura.

**PENSAR POR IMAGENS NA POESIA CONTEMPORÂNEA EM PORTUGAL:
LUIZA NETO JORGE E ISABEL DE SÁ**

Patrícia Freitas (UFBA)
Sandro Ornellas (Orientador/UFBA)

Na mesa com o Professor Doutor Sandro Ornellas, proponho uma leitura do pensar por imagens na poesia contemporânea em Portugal na perspectiva da produção poética e audiovisual de Luiza Neto Jorge (1939-1989). A poeta, juntamente com Gastão Cruz, Fiana Hasse Pais Brandão, Maria Tereza Horta e Casimiro de Brito, participou da publicação coletiva Poesia 61 na qual lançou seu primeiro livro *Quarta Dimensão*. Luiza pertenceu a uma geração de poetas que resistia à ditadura salazarista, acreditando que o uso subversivo da linguagem poderia provocar um deslocamento na ordem política institucionalizada (MARTELO, 2007) através de uma poesia de resistência, de imagens fortes. Esse fazer político das imagens em Luiza Neto Jorge pode ser lido também em seu trabalho colaborativo com realizadores portugueses do movimento denominado Novo Cinema Português. Ler, portanto, a produção de Luiza Neto Jorge tanto na poesia, quanto no cinema, é pensar o discurso político antifascista imbricado nesse fazer imagens da poeta em articulação com o contexto do salazarismo em Portugal.

Palavras-chave: Poesia. Luiza Neto Jorge. Imagem. Salazarismo.

**CLUBE DA LEITURA: A LEITURA EM GRUPO COMO METODOLOGIA PARA A
FORMAÇÃO DO LEITOR**

Priscila da Conceição Viégas (UESPI)

A presente investigação tem como objetivo apresentar a leitura em grupo como estratégia metodológica de incentivo à leitura literária na Educação Básica. Para o desenvolvimento desta metodologia, implantar-se-á em uma instituição de ensino público estadual um Clube da Leitura, almejando oportunizar aos alunos do ensino médio uma formação capaz de ampliar seus horizontes acerca do letramento literário. Destaca-se que a pesquisa considerará a seleção e a leitura de contos de autores brasileiros, seguidas das demais etapas do projeto: registro da leitura, atividades, discussão, avaliação e conclusão. Deste modo, durante a etapa de acompanhamento de atividades, suportes metodológicos serão criados como instrumento de disseminação de informações e produtos elaborados pelo público-alvo, dentre estes, destaca-se a utilização da metodologia fandom ou fanfiction, que se constitui na ampliação ou continuação de uma obra original, sendo passível a reescrita do texto em ambiente virtual. Ressalta-se, também, que o corpus a ser utilizado é a obra Contos Brasileiros 3, que integra a coleção “Para gostar de ler,” com textos contísticos de escritores variados. Por conseguinte, nota-se que os pressupostos teóricos da temática serão fundamentados em autores, tais como: Rildo Cosson (2014), Michèle Petit (2013), Graça Paulino (2010), Teresa Colomer (2007), Pedro Benjamim Garcia (2003), dentre outros teóricos.

Palavras-chave: Clube da Leitura. Letramento literário. Metodologia.

**O MÉTODO DA INVESTIGAÇÃO DOS TOPOI POÉTICOS APLICADO À LÍRICA
CONTEMPORÂNEA EM LÍNGUA PORTUGUESA**

Rafael Campos Quevedo (UFMA)

O problema norteador dessa comunicação diz respeito à possibilidade de se empregar o método da investigação tópica tendo como *corpus* a lírica contemporânea em língua portuguesa. A questão só pode ser assim formulada uma vez que há uma relativa e aparente incongruência entre o método e o *corpus*. A razão disso advém do fato de que os chamados *topoi* na poesia são típicos de uma época (aqui chamada tradicional) em que era não apenas comum, como também recomendável, que o autor empregasse como referência criativa a obra de outros poetas, valendo-se de convenções consagradas e atualizando, conforme sua perícia poética, os lugares-comuns do patrimônio da arte a que se encontrava vinculado. Essa prática perdura até o século XIX quando recebe sua sentença de morte com o movimento romântico, mas é no século XX que ela se encontra, em definitivo, com o seu ocaso. Para fins de exposição do assunto, partirei de uma reflexão sobre os prováveis motivos do relativo esquecimento da investigação tópica para, em seguida, propor argumentos favoráveis à sua validade.

Palavras-chave: Lírica contemporânea. *Topos*. Teoria da poesia.

MIGUEL TORGA: UM OLHAR EXISTENCIAL DO CONTO VICENTE

Rafael Gonçalves Freire (PG-UFPI)
 Maria Elvira Brito Campos (Orientadora/UFPI)

O trabalho desenvolvido tem o intuito de analisar a obra *Bichos da Literatura Portuguesa*, do escritor Miguel Torga, pseudônimo de Adolfo Correia da Rocha. O livro traz consigo uma união natural entre homens e bichos, em que nas alegrias e nas dores, os bichos compartilham com os homens as esperanças e as desgraças que a vida os impõe. Esses bichos são seres que podem ser iguados em suas angústias, pois são companheiros de uma mesma ‘arca’, que seria uma alegoria construída pelo autor para dizer que todos fazem parte de algo comum. Percebe-se que os animais têm uma consciência diante das circunstâncias que se apresentam a eles, talvez uma redução do ser a seus aspectos mais primários. Para tanto, o viés Neo-Realista e aspectos da teoria existencialista de Sartre serão tomados como base para a análise de características tão peculiares e subjetivas. O estudo torna-se relevante à medida que expõe a constante análise da subjetividade, desenvolvendo o senso crítico acerca da condição humana.

Palavras-chave: Neo-Realismo. Existencialismo. Miguel Torga.

OS MAIAS OU O APOCALIPSE FINISSECLAR

Raimunda das Dores Santos (UFPI)

Este artigo tem como objetivo refletir sobre *Os Maias*, obra de Eça de Queiroz, publicada em 1888; nessa reflexão pretendemos demonstrar que os romances escritos nos finais de séculos tratam de assuntos que se aproximam dos fantasmas do Apocalipse. Para desenvolver essa ideia recorreremos à teoria de Elaine Showalter: “ANARQUIA SEXUAL – Sexo e cultura no

fin de siècle”(1993) na qual ela define que os finais de séculos não só sugerem como também são carregados de significados simbólicos e históricos por lhe atribuímos metáforas de morte e renascimento.

Palavras-chave: *Os Maias*. Apocalipse. Degenerescência. Incesto. Decadência Nacional.

A SIMULAÇÃO DA MORTE COMO FORMA DE LIBERTAÇÃO DA MULHER EM *TERRAS PROIBIDAS* DE LUÍZA LOBO

Raimunda Maria Chaves Correia (UESPI)

Este artigo objetiva analisar o romance *Terras Proibidas*, de Luiza Lobo, perspectivando a simulação da morte como forma de libertação da mulher face à opressão social. A narrativa aborda, dentre outras questões, as relações de gênero a partir da evidência do patriarcalismo e submissão feminina, expondo a posição ocupada pela mulher na sociedade oitocentista e destaca a personagem Eliza como aquela que se recusa a aceitar a dominação masculina e, por isso envereda por caminhos e ações que as demais de seu tempo não ousariam trilhar. Pretende-se fazer um contraponto entre o comportamento de Eliza e o de um grupo de mulheres diante dos ditames patriarcais vigentes. Assim, os estudos das relações de gênero permitem uma reflexão sobre a representação das imposições sociais a que a figura feminina se encontra exposta e contribuirão no sentido de conceber as artimanhas praticadas por Eliza, inclusive, a simulação da própria morte, como maneiras de transgressão que resulta na liberdade, uma vez que esta personagem analisada não se prende às amarras formais, que na maioria das vezes impede determinadas mulheres de esboçarem atitudes que ameace a “ordem social”. A análise será examinada conforme as teorias de Michelle Perrot (2012), Saffioti (2004), Elódia Xavier (2001), Cristina Ferreira Pinto (1990), Judith Butler (1987) e Foucault (1988), que direcionam suas proposições para as relações de poder no discurso, gênero e os processos de construção da identidade feminina.

Palavras-chave: Representação Feminina. Morte. Ordem Social. Terras proibidas.

O SUJEITO PÓS-COLONIAL EM *ANTES DE NASCER O MUNDO*, DE MIA COUTO

Regilane Barbosa Maceno (UESPI)

Elio Ferreira (Orientador/UESPI)

Os estudiosos asseveram que na pós-modernidade há uma crise nas relações identitárias, que também pode ser percebida na perspectiva da pós-colonialidade. As transformações que levaram à fragmentação de identidades intensificaram-se a partir do último quartel do século XX, quando o mundo passou por mudanças de proporções nunca vistas, provocando alterações na estrutura da sociedade e na forma de interação e identificação dos atores sociais. Um caos-mundo que para Stuart Hall tem mudado “nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeito integrados”. Além disso, esse cenário, sob o pan-óptico pós-colonial, possibilitou que fronteiras fossem dissolvidas, promovendo uma interpenetração de discursos, bem como a desarticulação dos binarismos excludentes que alicerçavam a hegemonia cultural. Há, assim, o surgimento de identidades cambiantes, cuja característica principal é o trânsito nos entre-lugares que resultaram desse processo. Portanto, o trabalho tem o objetivo de analisar como esse trânsito identitário está ficcionalizado na obra *Antes de nascer o mundo*, de Mia Couto, entendida como metáfora de Moçambique. O

romance escolhido enriquece essa discussão ao trazer a questão identitária de forma contundente, cruzando em hibridização cultural, a identidade e a alteridade, o passado e o presente, o lembrar e o esquecer. Para tanto, usaremos os aportes teóricos de Stuart Hall, Homi Bhabha, Édouard Glissant, Kwame Appiah, dentre outros.

Palavras-chave: Identidade. Pós-colonialismo. Mia Couto. *Antes de nascer o mundo*.

MURAI DA: ENTRE A LITERATURA E A HISTÓRIA

Robervania Castro de Oliveira (UEA)
Veronica Prudente Costa (Orientadora/UEA)

O poema *Muraida* foi escrito pelo militar português Henrique João Wilkens, no século XVIII, quando estava a serviço da Coroa Portuguesa nas Demarcações de Limites da partilha entre Portugal e Espanha na região Amazônica. Esse épico é considerado o primeiro texto poético em língua portuguesa sobre essa região e tem como temática a rendição do povo Mura ao cristianismo, que é cantada segunda a versão do colonizador português, pois de acordo com dados históricos, apenas um pequeno grupo de índios Mura realmente foi batizado. Além dos elementos que nos remetem a episódios históricos da colonização amazônica, Wilkens traz no contexto do poema os elementos religiosos e mitológicos, os quais são de extrema relevância para o épico. Wilkens também se inspirou no clássico *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, tanto na sua estrutura quanto no intuito de elevar os feitos heroicos dos portugueses. A intertextualidade nos dois poemas pode ser observada através das referências ao “Velho Ancião” que nos remete ao Velho do Restelo, pois ambos são considerados como “a voz da experiência” de seus povos; e do “Mura Agigantado”, que nos lembra o Gigante Adamastor, mostrando a força e a união de uma etnia que, historicamente, resistiu mais de meio século às investidas dos colonizadores lusitanos.

Palavras-chave: Colonização Portuguesa. Amazônia. Mura.

IDENTIDADE NACIONAL E MISCIGENAÇÃO EM *MACUNAÍMA*, DE MÁRIO DE ANDRADE

Rosa Camila Portela Cavalcante Andrade (UESPI)

Macunaíma, o herói sem nenhum caráter de Mário de Andrade estabelece-se num marco não somente do Modernismo, como da Literatura Brasileira em geral. Após mais de 80 anos da sua primeira publicação, a obra permanece atual. Analisaremos esse clássico da literatura nacional *Macunaíma*, de Mário de Andrade, de forma a refletir sobre a (re)significação e (re)construção das identidades do homem/povo brasileiro. Para tanto, pretende-se trazer para a discussão os Estudos Pós-coloniais com ênfase à problematização da identidade proposta por Stuart Hall. No que se refere à construção da identidade nacional, a partir da ideia de miscigenação, nos apoiaremos em Antônio Cândido. Nesse sentido, longe de esgotar as inúmeras possibilidades de interpretações no que se refere a esta importante obra brasileira, discutiremos neste trabalho aspectos referentes à construção da identidade nacional e à diversidade cultural. Buscaremos, através de pesquisas bibliográficas, apresentar um estudo analítico-comparativo da obra aproximação dos elementos antropológicos (identidade e miscigenação) com os literários para investigar a apropriação daqueles por Mário de Andrade na construção de “Macunaíma”.

Palavras-chaves: *Macunaíma*. Identidade nacional. Miscigenação.

OS FAMINTOS BEIJOS NA FLORESTA E OS PRAZERES INFLAMADOS POR VÊNUS: UMA ANÁLISE DO EROTISMO NA ILHA DOS AMORES DE OS LUSÍADAS DE CAMÕES

Rosália Maria Carvalho Mourão (SEDUC – PI/FSA)

Na obra *Os Lusíadas* de Camões, dentre os dez cantos, o canto IX, que relata o episódio da Ilha dos Amores destaca-se pelo erotismo presente. Como recompensa aos lusitanos, pelos serviços prestados a coroa portuguesa, desvendando os mistérios do além mar e vencendo os medos e o próprio Gigante Adamastor, a deusa Vênus resolve recompensá-los com a Ilha dos Amores, ilha mística, repleta de ninfas, envoltas em mistério, sensualidade e múltiplas possibilidades de enlace amoroso. A flora e a própria geografia da ilha é erotizada pelo vate português. A interdição e transgressão tão bem delineada por George Bataille encontram-se presente durante todo o canto, é um querer sem querer entregar-se, é sedução, é a libido desenfreada manifestando-se nos marinheiros ávidos de saciar seus desejos nas ninfas tão bem instruídas por Tétis. O objetivo do trabalho é refletir sobre a linguagem utilizada por Camões a partir da linguagem erótica em hipo e da interdição que perpassa todo o texto. A recompensa não é apenas dos marinheiros lusitanos, mas dos leitores que obtêm prazer ao ler metáforas tão bem trabalhadas do idílio amoroso.

Palavras-chaves: Erotismo. Ilha dos Amores. Interdição.

IDENTIDADES HOMOERÓTICAS: ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES GAYS NAS NARRATIVAS DE LUÍS CAPUCHO

Rubenil da Silva Oliveira (UESPI)
Elio Ferreira de Souza (Orientador/UESPI)

Este trabalho visa analisar as representações da identidade do sujeito gay nas narrativas *Cinema Orly* (2005), *Rato* (2007) e *Mamãe me Adora* (2012) de Luís Capucho à luz da teoria da “escrita de si” de Michel Foucault (2014). A escrita de si toma como lugar da enunciação as confissões do escritor/narrador na perspectiva de construção individual e coletiva considerando os elementos da memória apresenta-se como fato a ser compreendido através dos estudos culturais e Teoria *Queer* na literatura. Não obstante, o fato de o homossexual assumir-se sempre foi visto como uma atitude chocante para a sociedade, mesmo quando se tratava de uma representação literária e, em Luís Capucho essa representação vai além, o que se vê nas narrativas é a confissão das experiências dele nas narrativas de caráter autobiográfico. A obra de Capucho apresenta um apelo visceral aos sentidos do leitor da prosa literária pós-colonialista, não sendo a identidade homoerótica expressa com caráter eufemizador, mas agressivo, capaz de chocar os espíritos mais puristas da literatura. O recorte metodológico segue a abordagem qualitativa de pesquisa, centrado na pesquisa do tipo bibliográfica. Portanto, a eleição das narrativas de Luís Capucho deve-se ao fato de o autor ser uma das vozes mais expressivas da literatura de autoria gay da contemporaneidade, além de agregar no conjunto da obra um maior número de identidades gays. Nelas se apresenta um narrador único e tendo apenas como traço definido a orientação sexual, sem subterfúgios, um

habitante fronteiroço entre o corpo masculino e o psiquismo feminino que assume sua condição ou a deixa subtendida diante da sociedade.

Palavras-chaves: Literatura. Homossexualidade. Identidade. Pós-colonialismo. Luís Capucho.

VER POESIA: OS LIVROS DE ARTISTA DE ISABEL DE SÁ

Sandro Ornelas (UFBA)

Apresentação dos recentes *Livros de Artista* produzidos pela poeta e artista plástica portuguesa Isabel de Sá. Conceito oriundo do campo das artes plásticas, os *Livros de Artista* de Isabel de Sá são livros-objeto, editados artesanalmente pela autora com páginas pintadas, desenhos, colagens, poemas e frases da própria autora e de outros autores por ela lidos, via de regra com o traço manuscrito da palavra, ou mesmo da palavra pintada. Cria-se, assim, uma poética da colagem e da citacionalidade que pode nos permitir repensar os destinos e os lugares do livro de poesia dentro do campo literário e das artes contemporâneas.

Palavras-chave: Poesia contemporânea. Arte contemporânea. Livros de Artista. Estudos Interartes. Isabel de Sá.

A INDAGAÇÃO DO DUPLO: A CARNAVALIZAÇÃO EM CAIM, DE JOSÉ SARAMAGO

Saulo Gomes Thimóteo (UFFS/USP)

A obra *Caim*, último romance publicado pelo escritor português José Saramago, o personagem-título surge como uma fonte desestabilizadora do Deus do Antigo Testamento, ocorrendo uma inversão (e subversão) do foco das histórias bíblicas. Ao invés da glorificação do nome de Deus, os episódios saramaguianos põem caim como elemento questionador, que procura construir um mosaico para compreender os atos de deus (com minúscula, conforme intenção do autor), bem como a si mesmo, enquanto assassino de seu irmão. Além disso, a própria figura do narrador funciona como uma desconstrução do discurso bíblico, embutindo novos sentidos alegóricos, dotados de uma razão de cunho materialista, a histórias enraizadas no senso comum, como o sacrifício disparatado de isaac ou o pacto com o diabo feito em detrimento de job. Dessa forma, a obra adquire a configuração de um jogo de duplos, em que deus passa por um rebaixamento, sendo caracterizado como louco, malvado ou ciumento, e caim ascende da posição de pária à de baluarte do enfrentamento divino, tornando-se polos opostos, mas interligados. Pode-se observar, também, a constituição de *Caim* segundo a ideia de um *monde à l'envers*, conforme a visão carnavalesca de mundo proposta por Bakhtin, pois a hierarquia Deus-humanidade é posta em xeque, abrindo novas possibilidades de entendimento bíblico, não mais ditatorial, mas sim dialógico. Assim, o presente trabalho propõe-se a observar e discutir a necessidade da narrativa pós-moderna de Saramago de “desassossegá-lo” tanto a si, quanto ao leitor, não se contentando com verdades absolutas e buscando sempiternamente o desvencilhar-se de velhos dogmas ou o lançar nova luz sobre a tradição. Ao modificar a leitura bíblica, acrescentando a ela uma visão racional e de questionamento, o narrador e seu porta-voz (caim) subvertem o lugar de deus, tornando o romance um espaço carnavalizado em que uma nova leitura da Bíblia se constrói.

Palavras-chave: José Saramago. Carnavalização. *Caim*. Duplo.

OS DISFARCES DA TRANSGRESSÃO NO ÚLTIMO EÇA

Sayuri Grigório Matsuoka (UFC)

Os últimos romances de Eça de Queiroz assumem contornos que os diferenciam dos anteriores, sobretudo daqueles situados na fase que se convencionou chamar de Realista-Naturalista do autor. Publicados no final do século XIX e início do XX, textos como *A cidade e as serras*, *A correspondência de Fradique Mendes* e *A Ilustre Casa de Ramires* trazem uma visão crítica muito bem disfarçada em novas estratégias estilísticas em que se observa um requinte ainda maior na tradicional ironia queiroziana. A estrutura narrativa, entretanto, modela-se pela ênfase ao mal inerente à civilização, temática já explorada por Eça em outros momentos da sua escrita e que, na produção derradeira, articula-se em torno de personagens como Jacinto, Fradique e Gonçalo. É efetivamente através dessas caracterizações que vemos figuratizarem-se as críticas de Eça à sua época, e os traços transgressores que assinalamos neste trabalho. Todos esses modelos têm em comum o apego à cultura e aos benefícios da civilização, o que em determinado momento se converte em aversão. Através desse artifício, os textos revelam inúmeras subversões, tanto no plano narrativo, quanto no discursivo-ideológico. Considerando a convergência desses dois âmbitos para a efabulação das críticas de Eça de Queiroz às diretrizes artísticas e sociais que dominavam a Europa do final do século XIX, este trabalho se volta para a observação das transgressões nos romances mencionados mediante uma perspectiva multidisciplinar, em que tomam lugar cimeiro na análise os estudos sobre narrativa, sobretudo os conduzidos por Carlos Reis; e ainda estudos sobre transgressão e civilização, como os de Michel Foucault, no primeiro caso, e os de Jean Starobinski, no segundo.

Palavras-chave: Eça de Queiroz. Século XIX. Transgressão. Civilização.

O COLONIZADO COMO UM ESTRANGEIRO EM SUA PRÓPRIA TERRA, NO CONTO “O EMBONDEIRO QUE SONHAVA PÁSSAROS”, DE MIA COUTO

Silvana Alves Cardoso (UESPI)

Wilma Avelino de Carvalho (Orientadora/UFPI/UESPI)

O presente trabalho pretende colocar em destaque a temática da literatura pós-colonial a partir da relação existente entre colonizador e colonizado, analisando tal relação no conto “O embondeiro que sonhava pássaro”, do livro *Cada homem é uma ração* (1990), de Mia Couto, bem como a postura do colonizado, uma vez construída pelo colonizador, de estrangeiro de sua própria terra. Para melhor entendimento dessa relação, será evidenciada a representação do colonizador e do colonizado. O que ambos simbolizavam no período do pós-colonialismo? Nesse sentido, torna-se necessário percorrer, um pouco, pelos caminhos da História. Este trabalho torna-se necessário visto que coloca em discussão o binômio dominador/dominado nas marcas do pós-colonialismo. Na realização desse estudo, teve-se como estratégia primária

a leitura do conto em questão, seguida de estudos de textos literários sobre a temática abordada a fim de uma melhor noção teórica, onde se utilizou os pressupostos de FERREIRA (1987), BONNICI (1998) e SANTILLI (1985). Após os estudos teóricos, foi realizada a apreciação minuciosa do texto em foco com a intenção de lograr outras possibilidades de interpretação literária como prever o trabalho.

Palavras-chave: Pós-colonialismo. Colonizador/Colonizado. *O embondeiro que sonhava pássaros*. Mia Couto.

JOSÉ DO TELHADO E ANTONIO SILVINO: A CONSTRUÇÃO DO HERÓI AMBIVALENTE

Silvana Bento Andrade (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro)

O presente trabalho apresenta as considerações conclusivas da tese de Doutorado em Estudos Literários, realizado na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – UTAD. Como propósito de investigação, analisa-se a imagem popular do herói-bandido, representado pelas personagens históricas do salteador português José do Telhado e do cangaceiro brasileiro Antônio Silvino. Cotejam-se obras literárias variadas, em prosa e verso, como folhetos de cordel, romances, crônicas e memórias, que tematizam as vidas e as façanhas bélicas das citadas personagens, com o objetivo de verificar como o discurso literário e os recursos narrativos empregados pelos autores contribuíram para a construção do perfil de um herói ambivalente. A indiscutível permanência do tema do herói-bandido, no imaginário popular, como uma espécie de justiceiro do povo, à sombra da lenda inglesa de Robin Hood, justifica a investigação de como o discurso literário reforça e realimenta a construção e a divulgação de tais personagens. Depreendem-se, desse enfoque comparativo, as características arquetípicas do herói ambivalente, aquele que ocupa lugar de reverência no imaginário popular, situado entre o bem e o mal, ao mesmo tempo, admirado e temido.

Palavras-chave: José do Telhado. Antônio Silvino. Herói-bandido.

LUSOTROPICALISMO TRANSATLÂNTICO: HISTÓRIA, POLÍTICA E MEMÓRIA NO CONTEXTO MOÇAMBICANO

Sueli Saraiva (UFC/Capes)

Contraditório de nascença, o discurso abarcado sob o mantra do lusotropicalismo pelo brasileiro Gilberto Freyre pretendia, em geral, resguardar a “‘grandeza’ de Portugal”, ao mesmo tempo em que “condenava o racismo e exaltava a miscigenação” (Cabaço, 2009). Considerado uma incontornável reflexão sociológica sobre a ex-colônia portuguesa na América — tanto pela primazia em focar o negro como indivíduo quanto pela falsa acomodação racial subjacente —, esse discurso atravessou o Atlântico para servir a uma causa que, na essência, repudiava aquilo que o pensamento freyreano supostamente coroava: a positividade da miscigenação. Mas, por necessidade de um império moribundo no mundo pós-guerra, a apropriação política de tal ideologia ganhou forma e conteúdo nos últimos anos da colonização portuguesa na África, integrando a política fascio-imperialista com a visão algo complacente de Freyre sobre “o mundo que o português criou” (Freyre, 1951). Esta comunicação põe em perspectiva, pelas lentes da ficção com compromisso de crítica, a

ambiguidade (ou inverossimilhança) entre as teorias tropicalistas de Freyre e as chamadas “reformas luso-tropicais” (Cabaço, 2009) instituídas pelo Estado português de então. Como parti pris apresentamos os contos do moçambicano Luis Bernardo Honwana, reunidos em *Nós matamos o cão-tinioso* (1964), cujo cinquentenário se comemora neste ano. Reverberando no presente moçambicano, a memória de uma época de desajustes, sedimentada nesta pequena obra-prima da narrativa em língua portuguesa, confronta em desafio o esforço lusotropical registrado no compêndio pró-Estado Novo escrito por Freyre nos anos de 1950. Palavras-chave: Conto moçambicano. Honwana. Nós matamos o cão-tinioso. Colonialismo. Lusotropicalismo.

QUEM TEM MEDO DE LOBO ANTUNES?

Tércia Costa Valverde (UEFS)

António Lobo Antunes, através de sua narrativa, provoca variadas reações em seu público leitor. Na maior parte das vezes, são evidenciadas, pela crítica literária, as respostas negativas de seus receptores, quando se deparam com a sua inquietante obra. Mas, por que? Que mal esse Lobo nos pode fazer? Conhecido por possuir uma escrita ácida, irônica e grotesca, o escritor de Benfca desmascara a sociedade ocidental, mais especificadamente a portuguesa, provocando, talvez, o surgimento de um novo olhar coletivo em relação ao passado remoto e recente de Portugal, além de analisar o presente, que consequentemente faz o homem português ver um futuro menos inocente para a sua nação. Se, o olhar para o passado pode ser um alerta e apontar caminhos para a solução de problemas sociais futuros, sem perder de vista os recados que a observação minuciosa do presente nos pode enviar, acreditamos que Lobo Antunes, à sua maneira crítica, cumpre o destino do artista, servir de antena da raça, como diz Pound. Tirar as máscaras desse animal tecnológico não é uma tarefa fácil e, muito menos, prazerosa, porque, como mesmo nos disse Álvaro de Campos, alguns anos antes, a máscara “estava pegada à cara”. Assim, analisaremos as seguintes crônicas antunianas: *O Brasil, O amor dos animais, A véspera de eu morrer estrangulada e As pessoas crescidas*, do *Livro de crônicas* (1998), buscando contribuir para o fortalecimento dos estudos da obra de Lobo Antunes, nos centros acadêmicos brasileiros. Tomaremos como referencial teórico de nossa discussão algumas ideias de Linda Hutcheon, Kayser, Bergson, entre outros.

Palavras-chave: Lobo Antunes. Ironia. Grotesco. Crítica Literária.

COEXISTIR PARA EXISTIR: A NARRATOLOGIA NO ROMANCE *VIVER COM OS OUTROS* DE ISABEL DA NÓBREGA

Thaise Silva Ferro Gomes Alves (UFAM)

Desestabilizando o cânone da literatura romanesca com uma escrita fragmentada, Isabel da Nóbrega traz à tona *Viver com os Outros*, romance de sua autoria. Buscou-se analisar, na referida obra, os aspectos que marcam essa narrativa, pretendendo, com isso, apontar a intenção que a autora apresenta em versar sobre a incomunicabilidade humana. Foi analisando as construções dialógicas entre os personagens do romance, que surgiu a ideia de uma *voz autoral* que emerge no discurso. A representação da autora quanto contestadora dos costumes sociais da época vem refletida nesse mundo ficcional como possibilidade discursiva. Observou-se ainda, através das falas dos personagens, as possibilidades dos modos de narrar:

ora em diálogos – modo dramático, ora em pensamentos – monólogo interior. Esse tipo de narrativa apresenta ao leitor o *Nouveau Roman* ou Novo Romance, estrutura que quebra com a linearidade da literatura romanesca. Nessa construção, o enredo é apresentado na perspectiva dos personagens, onde os mesmos tecem uma narrativa coral ao longo de todo o romance. Assim, no desenrolar das análises propostas buscou-se esclarecer o foco narrativo que sustenta o romance de Isabel da Nóbrega, observando os enlaces existentes entre narrador e personagem.

Palavras-chave: Narratologia. Autor e autoria. Discurso literário. *Viver com os outros*.

JUNG EM PESSOA: A PERSPECTIVA DO INCONSCIENTE JUNGIANO NA OBRA “MENSAGEM”, DE FERNANDO PESSOA

Valdemar Ferreira de Carvalho Neto Terceiro (UVA)

O que se pensa em construir é a relação entre a psicologia de Carl Jung com a obra poética, Mensagem de Fernando Pessoa. Dessa maneira, consoante ao eixo temático “Literatura e cultura” do V Congresso Norte-Nordeste da ABRALIP, este trabalho apresenta a ideia de que a poesia de Fernando Pessoa se alicerça dentro dos pressupostos jungianos de alma e arquétipo quando trata da crença coletiva e do mito nacional. Concluindo, dessa forma, que o que Pessoa fez na sua obra Mensagem é um reflexo do pensamento de Jung quanto a concepção de inconsciente e coletividade dentro de um contexto literário que prevalece no imaginário literário geral. Este trabalho visará este paralelo entre Jung e Pessoa, com ajuda teórica de “O homem e seus símbolos”, de Carl Jung (2008) no que tange viés psicológico, e “Linguagem e mito”, de Ernest Cassirer (2000) tratando este da utilização do mito aliado a linguagem.

Palavras-chave: Arquétipo. Inconsciente. Jung. Pessoa. Símbolo.

A FICCIONALIZAÇÃO DO REAL EM AS INTERMITÊNCIAS DA MORTE, DE JOSÉ SARAMAGO

Valdirene Rosa da Silva Melo (SEMEC/SEDUC)

Este trabalho tem por objetivo tecer considerações sobre o processo de ficcionalização do real na obra de Saramago *As intermitências da morte*, abordando questões pertinentes à mímesis. A literatura trabalha com códigos próprios ao se apropriar da realidade, e o modelo de ficcionalização escolhido por Saramago alarga o conceito de mímesis instituído por Aristóteles. A ficção contemporânea, o fazer literário, instiga o artista a buscar novas formas de redefinir o verossímil sem perder os elos de referências com o real, mantendo uma linha de coerência e adequação com o plausível. Nesta obra Saramago trabalha a temática dualista vida e morte, ressignificando o senso comum predominante atribuído à morte pelo imaginário coletivo e revendo percepções, convenções e conceitos a respeito do binômio vida e morte. A encenação da morte na obra de Saramago é apropriada pelo imaginário como jogo de recriação inventiva que se liberta dos cânones usuais que veiculam a morte a dor, sofrimento, momento indesejável e instaura novos sentidos e reflexões sobre o tema com o objetivo de levar o leitor a interrogações profundas sobre as angústias do homem contemporâneo. Usaremos os conceitos postulados por Aristóteles e Luiz da Costa Lima sobre mímesis, enriquecendo a análise com os postulados teóricos de Wolfgang Iser sobre imaginação na ficção para dar suporte a esta investigação.

Palavras-chave: Morte. Literatura. Mímesis. José Saramago

ANGÚSTIA EXISTENCIAL DO SER FEMININO NO POEMA “MULHERES” DE MARIA TERESA HORTA

Lígia Maria Aguiar Souza (UFPI)

Vanessa Gonçalo de Sousa (UFPI)

Este artigo tem como objeto de estudo o poema “Mulheres” escrito por Maria Teresa Horta. Escritora portuguesa que se destaca por uma escrita bastante sensual, revelando aspectos do feminino. A análise objetiva relatar a angústia existencial no ser feminino narrada no poema, direcionada pelo viés teórico de Sartre (1970) sobre o existencialismo que relata a responsabilidade do indivíduo por suas escolhas, Heidegger (1989) que aponta a angustia como uma possibilidade de encontro com o ser que permite abertura de caminhos para o encontro de algo não descrito rumo ao seu destino e Beauvoir (1970) afirma que a angustia é o abandono e a mulher como todo indivíduo possui uma liberdade autônoma. Ao longo desta análise percebemos que a mulher busca sentido para sua vida em meio a uma angústia existencial.

Palavras-chave: Mulher. Existencialismo. Angústia.

O QUESTIONAR DA HISTÓRIA OFICIAL BRASILEIRA NOS ROMANCES HISTÓRICOS DE ASSIS BRASIL

Vanessa Maira de Aquino Santos (PMT- SEMEC)

A comunicação tem por objetivo demonstrar o questionamento feito em relação à História oficial brasileira pelo conjunto de romances históricos do escritor piauiense Assis Brasil, baseando-se, para tanto, nos prólogos dos romances e nas discussões que tratam da relação entre a História e a Literatura na pós-modernidade, principalmente as realizadas por Linda Hutcheon (1991), que discorre sobre os romances de cunho histórico produzidos na pós-modernidade, por Hayden White (2001) e Paul Veyne (1998), que tratam da proximidade entre a escrita da História e da ficção. Os romances históricos do referido autor estão reunidos na coletânea “Brasil 500 anos: das origens à República”, publicada em 1999 pela editora Imago em decorrência das comemorações em torno do quinto centenário do descobrimento do Brasil. A coletânea é composta por seis romances, divididos em quatro volumes, de acordo com a seguinte ordem: no primeiro volume, *Bandeirantes*: os comandos da morte; no segundo, *Paraguaçu e Caramuru*: origens obscuras da Bahia e *Villegagnon*: paixão e guerra na Guanabara; no terceiro, *Tiradentes*: poder oculto o livrou da força; no quarto e último volume, *Nassau*: sangue e amor nos trópicos e *Jovita*: a Joana D’Arc brasileira. Os romances históricos de Assis Brasil apresentam outras versões da História brasileira, personagens e fatos supostamente negligenciados pela História oficial, utilizando, para tal feito, trechos de documentos, epígrafes e citações de historiadores. Ao apresentar novas versões da História, acreditamos que os romances históricos do escritor permitem um diálogo com as ideias em voga na pós-modernidade que concebem a História como uma narrativa, observando o caráter subjetivo e lacunar do conhecimento produzido por aquela.

Palavras-chave: Romance histórico. História oficial. Pós-modernidade. Assis Brasil.

O ESTILO HUMILDE EM TRÊS AUTOS VICENTINOS

Wagner José Maurício Costa (UESPI)

A comunicação tem como objetivo apontar a simbiose estilística em três autos vicentinos que compõem o chamado “ciclo da natividade”. Trata-se das peças *Visitação*, *Auto pastoril castelhano* e *Auto dos Reis Magos*, nas quais se misturam motivos cômicos próprios da tradição pastoril com a representação da matéria bíblica do nascimento de Cristo. Esses assuntos apresentam-se entoados por personagens simples, os pastores, em linguagem baixa, mais precisamente em um dialeto hispânico estilizado chamado de saiaçuês e estudado por teóricos como Paul Teyssier (2005). O uso do estilo humilde para o tratamento da matéria bíblica será analisado segundo os lugares-comuns que enfatizam a humildade da natividade enquanto virtude e exemplo, topos presente na literatura religiosa medieval desde o *Vita Christi* de Ludolfo Cartusiano. Outro ponto importante para o entendimento do estilo vicentino nessas peças diz respeito às apropriações que escritores cristãos fizeram das normas da retórica, adequando-as ao pensamento religioso e formando um discurso chamado pela tradição religiosa de *sermo humilis*. Segundo Auerbach (2007), nesse estilo temas elevados para os cristãos, como o da natividade, acham-se expressos em discurso simples com a finalidade de explicar os mistérios da fé aos incultos e, ainda, de afastar os soberbos.

Palavras-chave: Gil Vicente. Estilo humilde. Retórica.

HISTÓRIA E MEMÓRIA EM *TERRA SONÂMBULA*, DE MIA COUTO

Wilma Avelino de Carvalho (UFPI/UESPI)

A história e a memória são temática frequentes nas literaturas africanas de língua portuguesa. Elas geralmente aparecem imbricadas nas narrativas como forma de (re)construir a história das nações representadas, pois são sociedades que passaram por um bruto processo de colonização. Além disso, também viveram duas guerras, a de libertação e a civil. Todos esses fatos citados se constituem em temas para a literatura. Em virtude disto, o presente trabalho propõe a análise do romance *Terra Sonâmbula* (1996), do escritor moçambicano Mia Couto visando mostrar a construção e a reconstrução da história moçambicana e o papel da memória nesse processo. Para tanto, dirigimos o foco da nossa análise para os personagens Muidinga, Tuahir e Kindzu. A base teórica da nossa investigação contempla os conceitos de Ecléa Bosi, Roger Chartier, Jacques Le Goff e Luis Costa Lima. Concluimos que a memória é elemento fundamental para a retomada dos fatos históricos, bem como para recriação da história de um povo.

Palavras-chave: História. Memória. *Terra Sonâmbula*. Mia Couto.

ÍNDICE

A

Almiranes dos Santos Silva	21
Amanda Jéssica Ferreira Moura.....	21
Ana Cláudia dos Santos Silva.....	22
Ana Márcia Siqueira.....	22
Ariadna Rodrigues Probo Amaral	23
Arlene Fernandes Vasconcelos.....	23
Assunção de Maria Sousa e Silva.....	24
Áurea Regina do Nascimento Santos	24

C

Carolina de Aquino Gomes	24
Cyntia Raquel de Sousa Lopes	25
Clarissa Moreira de Macedo	25
Clêuma de Carvalho Magalhães	25
Cristianne Silva Araújo Dias	26
Cristina Gomes de Brito	26

E

Elenice Maria Nery.....	27
Elimar Barbosa de Barros.....	27
Elizandra Dias Bandrão	27
Ella Ferreira Bispo.....	28
Érica Patricia Barros de Assunção.....	28

F

Francisca Carolina Lima da Silva.....	29
Francisca Jheine Andrade Cunha	29
Francisca Liciany Rodrigues de Sousa.....	30
Francisca Marciely Alves Dantas	30
Francisca Olane Rodrigues da Silva.....	33

Francisco das Chagas Souza Carvalho Filho.....	31
Francisco Wellington Rodrigues Lima.....	32

G

Geisiane Dias Queiroz	32
Geraldo Augusto Fernandes	33
Germana Maria Araújo Sales	33
Gladson Fabiano de Andrade Sousa	34

H

Heráclito Júlio Carvalho dos Santos	34
Herasmo Braga	35
Hugo Lenes Menezes.....	35

I

Irla Fernanda e Silva Soares	35
Isabela Christina do Nascimento Sousa	36
Ismahêlson Luiz Andrade	36

J

Jéssica Catharine Barbosa de Carvalho.....	37
Jeymeson de Paula Veloso	37
Joaquim Lopes da Silva Neto	38
Joelma de Araújo Silva Resende	38
José Carlos Siqueira	39
José Ivan Bernardo Andrade	39
José Pereira de Andrade Filho	40
José Wanderson Lima Torres	40
Joseane Mendes Ferreira	40
Josi de Sousa Oliveira	41
Juçara da Silva Pinheiro	41
Juliana de Souza Gomes Nogueira	42
Juliane de Sousa Elesbão	42

Jurema da Silva Araújo.....	43
-----------------------------	----

K

Kamila Jéssick Duarte da Costa	43
Karine Costa Miranda	44
Karla Renata Mendes	44
Kelly Cristina Araújo Feitosa.....	45
Kyssia Nunes de Oliveira	45

L

Lilásia de Arêa Leão Reinaldo	46
Lívia Guimarães da Silva	46
Lívia Maria Rosa Soares.....	47
Luciana Nascimento	47
Luciene do Rêgo da Silva	48
Luziane de Sousa Feitosa	48

M

Manfred Rommel Pontes Viana Mourão	49
Marcela Rodrigues Soares	49
Marcelo Brito da Silva.....	50
Maria da Glória Ferreira de Sousa	50
Maria Daíse de Oliveira Cardoso	50
Maria de Fatima do Nascimento	51
Maria de Pompéia Duarte Santana e Souza	52
Maria do Socorro Simões	52
Maria Elvira Brito Campos	52
Maria Santana da Conceição Miranda Filha.....	53
Maria Suely de Oliveira Lopes	53
Mirhiane Mendes de Abreu	54

N

Natália Eugênia Almeida de Sousa	55
--	----

O

Olivânia Maria Lima Rocha	55
---------------------------------	----

P

Patrícia Freitas	56
Priscila da Conceição Viégas	56

R

Rafael Campos Quevedo	57
Rafael Gonçalves Freire	57
Raimunda das Dores Santos	57
Raimunda Maria Chaves Correia	58
Regilane Barbosa Maceno	58
Robervania Castro de Oliveira	59
Rosa Camila Portela Cavalcante Andrade	59
Rosália Maria Carvalho Mourão	60
Rubenil da Silva Oliveira	60

S

Sandro Ornelas	61
Saulo Gomes Thimóteo	61
Sayuri Grigório Matsuoka	62
Sebastião Alves Teixeira Lopes	43
Silvana Alves Cardoso (UESPI).....	62
Silvana Bento Andrade (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro).....	63
Sueli Saraiva (UFC/Capes).....	63

T

Tércia Costa Valverde	64
Thaise Silva Ferro Gomes Alves	64

V

Valdemar Ferreira de Carvalho Neto Terceiro	65
Valdirene Rosa da Silva Melo	65
Vanessa Gonçalo de Sousa	66
Vanessa Maira de Aquino Santos	66

W

Wagner José Maurício Costa	67
Wilma Avelino de Carvalho	67

